

Cadernos Terras Quentes

15

2020



τφ

Associação
Terras Quentes



MUSEU MUNICIPAL
MARTIM GONÇALVES
DE MACEDO

Ficha Técnica

Cadernos “Terras Quentes”

Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”

Editor e propriedade

Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”

Rua D. Maria Mascarenhas Escola do 30, apartado 110
5340-900 Macedo de Cavaleiros | Tel. 936 761 011

Endereços eletrónicos:

Associação Terras Quentes: administracao@terrasquentes.pt

Site: www.terrasquentes.pt

Director

Carlos Alberto Santos Mendes

Conselho de Redacção

João Carlos Senna-Martinez
Carlos Alberto Santos Mendes
Elsa Verónica Penas Luís
Manuel José de Sousa Cardoso
Belmira Mendes

Editorial

Manuel José de Sousa Cardoso

Colaboradores deste número

Carlos Alberto Santos Mendes
Miguel Sanches Baêna
Cláudio Pereira

Na Capa

Desenho: Jaime Martins Barata - "*De como se azou e venceu a batalha real de Aljubarrota*" (Fonte: Diário de Notícias de 14-8-1936); Foto: Diorama "O Combate Decisivo" (Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo). Fotografia por Cláudio Pereira.

Contracapa

Foto: Diorama "O Combate Decisivo" (Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo). Fotografia por Cláudio Pereira. Figura do Careto de Podence.

Impressão:

VRI-Impressores, SA

Depósito Legal.

212756/20

Edição

Nº 15, janeiro de 2020

A FESTA DOS RAPAZES e outras, Transmontanas.

* Carlos A. S. Mendes

1- Introdução

Desde tempos muito antigos; desde tempos imemoriais; desde tempos ancestrais, são estes alguns adjectivos utilizados para situar no tempo “cronológico” as festas populares de cariz religioso/pagãs que se realizam, ainda hoje, por todo o território transmontano, mormente pelo território, hoje, pertencente ao concelho de Macedo de Cavaleiros. Tem por objecto este artigo contribuir de alguma forma para podermos historiar com mais rigor e precisão a evolução do trajecto dessas festas.

Abastecemos-nos de informação, em grande parte, na recolha realizada por Francisco Manuel Alves e vertido nas suas *Memórias Arqueológico-Histórica*, no tomo IX. 2ª Edição de 1975. Todavia o que mais nos motivou para avançarmos com este artigo foi sem dúvida um documento, aposto num livro de visitas, encontrado numa igreja do concelho de Macedo de Cavaleiros, em 15 de Agosto do ano de 2007, (aquando a realização do Inventário Histórico-Artístico da Diocese de Bragança realizado pela Associação de Defesa do Património do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”, entre os anos de 2004 e 2009) o qual se refere à existência nessa localidade dos “Caretos”.

Para se entender melhor a realidade histórica, já que Francisco Manuel Alves se refere mais substantivamente às aldeias do norte do então concelho de Bragança, que o concelho de Macedo de Cavaleiros, que foi criado em 31 de Dezembro pela reforma administrativa empreendida pelo governo do Duque de Saldanha, com Rodrigo da Fonseca Magalhães na pasta do reino, que recortou no meio do distrito, entre os velhos concelhos de Bragança e Mirandela, uma nova circunscrição que teve por base o grande vale centrado em Macedo de Cavaleiros fixando aí a sua sede.¹

2 – Os Ritos Mitos e Costumes – Tempo Sagrado, Tempo Profano.

“A história desenvolve-se, graças aos mitos. Ao contrário daquela, que nunca se repete, visto situar-se no espaço-tempo, o mito é irracional: ele é a alma ou o sopro da história. A percepção ou não desta realidade gera modos distintos de encarar a vida entre o homem das sociedades tradicionais e o homem moderno. A diferença entre o homem das sociedades arcaicas e o homem moderno reside no facto de que, para este último os acontecimentos históricos são irreversíveis enquanto para o homem das sociedades arcaicas aquilo que se passou, “ab origine” é suscetível de se repetir pelo poder dos ritos.

* Carlos Alberto Santos Mendes, Mestre em História Regional e Local e Licenciado em História e Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Investigador do Centro de Arqueologia UNIARQUE, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Presidente e Investigador da Associação de Defesa do Património do Concelho de Macedo de Cavaleiros, “Terras Quentes”.

¹ PIRES, Armando. *O Concelho de Macedo de Cavaleiros*, Junta Distrital de Bragança, 1963, pág. 118

Quando se trata da origem das coisas, é sempre difícil, quando não impossível dar decisão. As paleografias das inscrições testemunham a existência de culto, ainda no século III d.C. Depois do século V é provável que fosse cristianizado”².

“É essencial é conhecer os mitos. Não só porque o mito lhe fornece uma explicação do Mundo e da própria maneira de estar no mundo, mas sobretudo porque ao recordar, ao reatualizá-lo, ele é capaz de repetir o que os antepassados fizeram “ab origine””³.

“A palavra rito, segundo a sua etimologia sânscrita (rita) significa o que é conforme à ordem. Segundo Luc Benoist podemos definir um Rito “como um conjunto de gestos, respondendo a necessidades essenciais” devendo eles “ser executados seguindo uma certa euritmia. São gestos elementares que realizamos todos os dias e que acompanham a nossa maneira de viver, de caminhar, de nos vestir, de manifestar a nossa simpatia ou a nossa hostilidade. Para Eliade, um rito é a repetição de um fragmento do tempo original, por meio do qual o homem das sociedades primitivas se insere no “tempo mítico” tempo esse que, “é criador” no sentido de que é então, *in illo tempore*.

Mito e rito são, pois, “as expressões complementares de um mesmo destino, sendo o ritual o seu aspecto litúrgico e o mito a sua realização através dos episódios de uma história vivida”⁴.

“Os costumes variam bastante, de acordo com a variedade das terras e dos povos. Havia diversos graus de civilização. O próprio Estrabão, quando fala dos povos da Lusitânia nota diferenças entre costumes dos montanheses ou castrejos e os dos habitantes das planícies”⁵.

3 - Caracteres Etnogénicos.

“Na vasta extensão da Ibéria não havia unidade social, pois que as populações estavam distribuídas por tribos e falavam-se várias línguas o que atesta o acentuado individualismo destes povos – Estrabão dizia “nem a língua é uma só””⁶.

“Thucidedes diz que eram os Espanhóis incontestavelmente os mais belicosos dos Bárbaros. Diodoro Siculo considera como superior tanto a cavalaria, como a infantaria, espanholas, assim na força para os combates como na tolerância para os incómodos da guerra.

Justino memora como intrépidos os ânimos espanhóis na morte e nos perigos militares. Sílio Itálico referindo-se especialmente aos galegos, diz que tinham como indigno de homens quanto não era o manejo de armas de combate.

Estrabão chama aos Galegos - *bellacissimi et subjugali difficilimi* – Belicosos em extremo e difíceis de vencer. Tito Lívio tem-nos por gente fera e belicosos. E noutra parte afirma que são os mais aptos de quantos tem o mundo para reparar as ruínas da guerra, tanto pela oportunidade dos sítios quanto pelo génio e engenho naturais

² VASCONCELOS, J. Leite. *Religiões da Lusitânia*, Vol. II, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1989, pág. 144.

³ AMARANTE, Eduardo. *Portugal Simbólico*, Publicações Quipu, Lisboa, 1999, pág. 25.

⁴ Idem, pág. 27

⁵ VASCONCELOS, J. Leite. *Religiões da Lusitânia*, Vol. II, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1989, pág. 90.

⁶ Idem pág. 51

Dionísio Afro, chama magnânimos aos espanhóis.

Tíbulo; atrevidos

Lúcio Flora; Guerreiros nobres em armas e varões fortes e mestres de Aníbal na profissão militar.

Célio Rodigíno diz que é próprio dos espanhóis desprezar a vida quando lhes falta o uso das armas.

Guichardino afirma que as experiências do seu tempo mostravam que o valor espanhol, principalmente o da infantaria correspondia exactamente à antiga fama da gente e que ninguém excedia em competência para sítios de praças-fortes.

Filipe Cluverio constata que, não em um ou outro século, mas sempre em todos os tempos, foi Espanha fecundíssima na produção de espíritos marciais.

Julgamos desnecessário advertir que estes elogios, por se referirem à Espanha Romana, tanto tocam ao que hoje chamamos Portugal como Espanha e que havia do Douro para cima pertencia à província de Galiza.

“Quanto a clima de Galiza é propício para a concepção, diz Diego Torres falando das mulheres:

*“Cinco e seis rapaces suelen
Echar de una ventegrada,
Siendo la que pare menos
Por estéril repudiada.”*

Sílio Itálico, poeta andaluz, que viveu em Roma no seu poema “*De Bello Púnico*” descreve magistralmente a perícia dos metalúrgicos galegos, que ofereceram ao grande Aníbal um escudo, obra-prima pelos baixos-relevos de decoração histórica que representava, uma espada e uma lança. É para notar que o encargo da fabricação deste presente aos galegos fora da incumbência de toda a Espanha cartaginesa, que assim os reconheceu por superiores nesta especialidade. Já assim se explica o enorme amontoado de escória de ferro fundido que em tanta abundância se encontra pelas montanhas do distrito de Bragança.

João de Barros traça estes individualismos assim: *A tendência de cada povoação para constituir uma individualidade é tão inata, que vemos ainda agora, apesar da completa diversidade de circunstância que se davam outros tempos, cada vila, cada aldeia, com a sua feição particular, os seus costumes próprios.*

Oliveira Martins encontra a razão da sua originalidade na própria “resistência dos caracteres etnogénicos” assim como nas “combinações dos caracteres das populações primitivas e das indo-europeias”.⁷

Ainda hoje a aldeia bragançana lavra e moureja nos mais pesados trabalhos agrícolas, e, vinda a noite, na mona dos trios, debulha dos cereais, vincima a outros servilos, dança incansável ao som do pandeiro das castanholas, da gaita-de-foles ou mesmo só do canto.

⁷ ALVES, Francisco Manuel. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Arqueologia, Etnografia e Arte* – Tomo IX, reedição do Museu Abade Baçal, Bragança, 1975. pág 237.

Estrabão, no livro III, cap 22º, diz: “*Gallecos omnino esse atheos, hic est, sine Deo produtur*”, isto é, não têm ídolos. Mais acrescenta: que os montanheseiros que habitam o norte de Espanha – galegos, ástures (povo a que pretendiam os zelas), cantabros até aos vascões e aos Pirenéus – vivem da mesma maneira, com idênticos costumes. E assim, estes povos, alimentam-se em dois períodos do ano com bolota, secando-a, moendo-a e fazendo pão da farinha. (Ainda não conseguimos esta prova nas nossas intervenções arqueológicas na região de Macedo, se bem que mais para o sul do País haja essas evidências).

“Fazem bebida de cevada, pois têm pouco vinho e esse pouco logo que se prepara, consomem-no imediatamente em convites com os parentes: (nota: O Imperador Domiciano, segundo diz Suetónio, vendo a abundancia de vinho e a falta de cereais, mandou que na Itália ninguém plantasse vinhas e que metade das plantadas nas províncias – Espanha, Gália e outras – se arrancassem. O Imperador Probo aboliu esta lei).

Usam de manteiga em lugar de azeite. Comem sentados dispostos, para esse fim, em assentos nas paredes (os Romanos comiam deitados).

A idade e a dignidade têm os primeiros lugares. Enquanto se serve a bebida, bailam ao som da gaita e da flauta.

Vestem de preto, com saios que lhe servem também de cama, lançando-os sobre enxergões de ervas.

Têm vasos de cera como os Celtas e as mulheres usam de roupas floridas ou de cor-de-rosa.

Em lugar de moedas, trocam as coisas umas pelas outras ou usam lâminas de prata não cunhadas, que cortam de barras em bruto.

Os condenados à morte são precipitados das rochas e os parricidas são cobertos de pedras fora dos seus termos e rios”.⁸ “Que talvez teriam princípio os montes chamados fiéis de Deus, levantados nos lugares ermos. Diz Viterbo na página 270 de *Fiéis de Deos*. “*Assim chamavam aos montes de pedra miúda que junto dos caminhos lançavam à mão os passageiros. Em todo este reino vemos destes pedregulhos junto das estradas, sem que nos fique a mais leve dúvida, que ali foram advertidamente postos e não por acaso*”⁹

“Casam à maneira dos gregos.

Põem, como os egípcios, os doentes fora de casa, para tomar conselho com os transeuntes que hajam padecido idêntica moléstia.

“Até ao tempo de Bruto usavam barcas de ouro; agora têm algumas de troncos de árvores. A rusticidade e fereza dos seus costumes provêm não só das guerras, mas também de viverem apartados de outra gente”.¹⁰

“Lavam-se com crinas, que deixam apodrecer nas cisternas, e homens e mulheres limpam com elas os dentes.

⁸ Do costume de lançar pedras sobre os cadáveres, conjectura Frei Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, tomo I livro 2 cap. 31º.

⁹ Ver *Elucidário de Viterbo*, artigo *Fiéis de Deus*. Diz Viterbo: pág 270.

¹⁰ ALVES, Francisco Manuel *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Arqueologia, Etnografia e Arte – Tomo IX, reedição do Museu Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 237.*

Adoram um Deus desconhecido nos plenilúnios, dançando em frente das casas toda a noite.

As mulheres lavram os campos, e quando dão à luz os filhos, fazem deitar os maridos e elas os servem.

De uma erva semelhante ao aipo (que parece ser o napelo ou o mata-lobos) extraem um veneno ativíssimo que mata sem dor e têm-no sempre à mão para o usar em qualquer adversidade. (Floro diz que o veneno é extraído da árvore chamada teixo) Acaso seria extraído de uma e outra.

Parecem-se aos celtas, aos da Trácia e da Scília”.¹¹ “Parte destes costumes ainda hoje subsistem. As bolotas, tanto do carvalho e azinheiro como do castanheiro, entram por muito na alimentação. Adiante diremos das folganças por ocasião do vinho novo.

A manteiga de porco chamada pingue, e a de vaca primam ainda sobre o azeite.

A indumentária preta e os vestidos garridos nas mulheres continuam em plena florescência. Nos lugares ermos, onde alguém foi assassinado, em breve as pedras que os transeuntes lá lançam cobrem a cruz que a piedade lá ergueu. A mulher continua arando e cultivando os campos como há mil anos, e se não curam os maridos no parto bem o podiam fazer, pois de algumas eu sei que, mal acabam de dar à luz, continuam na faina doméstica, como se nada fosse.

Quanto aos bailes e danças, bastarão estes dois documentos, o segundo dos quais pertence ao museu regional de Bragança:

“Em 1622 os jesuítas celebraram pomposamente, em diversas cidades do continente e ilhas, a canonização de S. Francisco Xavier. Em Bragança, na praça junto à igreja, houve um desafio muito festejado entre a folia de Vila Real e de Bragança, sobre qual tinha melhores vozes e pandeiros, tambor mis destro e melhores peças de dança e música. Os juízes do certame dividiram as opiniões, dando o prémio a Bragança na destreza e arte do tambor e a Vila Real pelas vozes e pandeiro. Em outras cidades efetuaram-se lutas idênticas.

Exmº Sr. Dizem Venâncio Lopez, e Manoel Rodrigues e toda a mais mocidade do lugar de Aveleda; que naquela freguesia é costume celebrar-se a festa do Santíssimo Sacramento, no domingo da Santíssima Trindade, e querendo os suplicantes que seja celebrada com toda apompa e decência possível como o tem feito mais anos e não tendo mordomia líquido para as despesas em razão de quererem haja sermão e procissão e na procissão dança”.¹²

“Pretendem de V. Exªs licença para trabalharem três ou quatro dias santos para as ditas despesas; por isso pedem a V. Exª Exmº Sr. Vigário Capitular e Governador do bispado se digne conceder-lhe licença para todo o expressado. (Nota: Mais de uma pessoa que presenciou esta dança nos disse ser a dos Pauliteiros).

No verso do mesmo documento vem o despacho favorável do Vigário Capitular, datado de Bragança a 20 de abril de 1839.

¹¹ Do costume de lançar pedras sobre os cadáveres, conjetura Frei Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, tomo I livro 2 cap. 31º.

¹² ALVES, Francisco Manuel. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Arqueologia, Etnografia e Arte – Tomo IX*, reedição do Museu Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 241,242,243

Mostra também este documento que a dança dos palitos, hoje peculiar à região de Miranda do Douro, era antigamente uma dança sacra, que fazia parte do culto e se usava em terras de Bragança, como temos ouvido a pessoas velhas.

Durante a feitura do vinho novo, os homens percorrem de noite as ruas do povoado cantando ao som da gaita, tambor ferrinhos e guitarras; pincham os carros que encontram, trancam as ruas com quantos paus e traves encontram e principalmente as fontes, como para indicar que a água se não deve beber (nota: *No Homem que ri* de Vítor Hugo, vol. 3º cap. 4º pág. 12, fala-se em divertimentos idênticos). Ao mesmo tempo, as mulheres reúnem-se em volta da fogueira que acendem na rua e fiam o linho, e por isso se dizem fiadeiros estes actos, em que estão constantemente cantando, rindo, folgando e a espaços tocando pandeiro e bailando”.¹³

4- Festas pagãs ou Religiosas? A evolução histórica dos festejos populares.

O nosso estudo centra-se principalmente em dois períodos festivos; o natal e o Entrudo. Convém recordar a etimologia das palavras a fim de melhor se compreender o seu significado. O dicionário de Língua Portuguesa ensina-nos:

“Entrudo; Etimologia:

Do latim introito (entrada); Folia, Farsa; excesso; dias de festejo anteriores à quarta-feira de cinzas.

Carnaval; Etimologia:

Do latim carne, vale. “Adeus carne”, pelo Italiano carnevale, “terça-feira gorda” pelo francês carnaval. - Dias de Festejo anteriores à quarta-feira de cinzas;

Natal:

Religião; festa cristã que se realiza todos os anos e que comemora o nascimento de Jesus Cristo. Época em que se celebra essa festa.

5 – Ano 325 - d.C. data chave do Cristianismo.

No século IV d.C., o Imperador Romano Constantino aliou-se politicamente ao cristianismo e terminou com a perseguição aos cristãos promulgando o Édito de Milão. O que começou como um movimento religioso dentro do judaísmo do primeiro século tornou-se, até ao final deste período, a religião oficial do Império Romano. Segundo Will Durant, a Igreja cristã prevaleceu sobre Paganismo porque oferecia uma doutrina muito mais atraente e porque os líderes da igreja se dirigiam as necessidades humanas melhor do que seus rivais. O Primeiro Concílio de Niceia marca o fim desta era e o início do período dos sete primeiros concílios ecumênicos (325 - 787). Foram três os historiadores que mais nos deixaram informações sobre esse período: Lucas, Hegesipo e Eusébio.

¹³ ALVES, Francisco Manuel. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Arqueologia, Etnografia e Arte – Tomo IX*, reedição do Museu Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 243



Imperador Romano "Constantino" (272/337)

6 - Édito de Milão – 1º passo de Constantino para o Cristianismo.

"Édito de Milão¹⁴ será o primeiro passo de o Imperador Constantino par universalizar o Cristianismo. Promulgado em 13 de junho de 313 foi um documento proclamatório para no qual se determina que o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabando oficialmente com toda perseguição sancionada oficialmente, especialmente aos cristãos. Tal documento, publicado em forma de carta, transcreveu o acordo entre os tetrarcas Constantino (imperador do Ocidente) e Licínio (imperador do Oriente).

Além da liberdade religiosa, a aplicação do Édito fez devolver os lugares de culto e as propriedades que tinham sido confiscadas aos cristãos e vendidas em hasta pública: *(o mesmo será devolvido aos cristãos sem pagamento de qualquer indenização e sem qualquer fraude ou decepção)*. Deu ao cristianismo, e a todas as outras religiões, o estatuto de legitimidade (latim: *religio licita*), comparável com o paganismo e com efeito destituiu o paganismo como religião oficial do Império Romano e dos seus exércitos.

Antes da emissão do Édito de Milão, Galério, em 30 de abril de 311, promulgou o Édito de Tolerância, também chamado de Decreto da Indulgência, no qual, buscando harmonia política, reconhece o cristianismo e dá fim à perseguição anticristã".

7- Concílio de Niceia:

Foi um concílio de bispos cristãos, reunidos na cidade de Niceia da Bitínia (atual İznik, província de Bursa, Turquia) pelo Imperador Romano Constantino I em 325. Constantino I organizou o concílio nos moldes do senado romano e o presidiu, mas não votou oficialmente.

Este concílio ecumênico foi a primeira tentativa de alcançar um consenso na Igreja através de uma assembleia representando toda a cristandade. Ósio, bispo de Córdoba, provavelmente um legado papal, pode ter presidido as suas deliberações.

"Seus principais feitos foram a resolução da questão cristológica da natureza divina de Jesus e sua relação com Deus Pai; a construção da primeira parte do Credo Niceno; a fixação da data da Páscoa e a promulgação da lei canônica em sua primeira forma".¹⁵

¹⁴ Wikipédia.Org/wiki_édito de milão.

¹⁵ Wikipédia.Org/wiki_concilio de Niceia.



Concílio de Niceia

Este foi o primeiro concílio geral na história da Igreja convocado por Constantino I. No Concílio de Niceia, *(a Igreja deu seu primeiro grande passo para definir a doutrina revelada, de forma mais precisa, em resposta a um desafio de uma teologia herética.)*

O Primeiro Concílio de Niceia foi convocado pelo Imperador Constantino I, em consequência das recomendações de um sínodo liderado por Ósio de Córdoba no tempo pascal de 325. Este sínodo havia sido encarregado de investigar o problema causado pela controvérsia ariana no leste grego do mundo greco-romano.

“Para a maioria dos bispos, os ensinamentos de Ário eram heréticos e perigosos para a salvação das almas. No verão de 325, os bispos de todas as províncias foram convocados a Niceia, um lugar razoavelmente acessível a muitos representantes, particularmente os da Ásia Menor, Geórgia, Armênia, Síria, Palestina, Egito, Grécia e Trácia”.¹⁶

“Mais tarde (1545-1563) realiza-se o Concílio de Trento é neste concílio que se deliberou sobre muitas questões que tinham tido e teriam fortes repercussões em vários aspectos da vida individual e comum das pessoas, contudo na essência nenhuma dessas questões era nova apenas a roupagem diferia. Ao longo da história do cristianismo se manifestaram necessidades individuais e/ou coletivas que muitas vezes chocavam com os interesses delineados pelos chefes da Igreja. Uma das questões debatidas no Concílio e que nos interessa para o desenvolvimento deste capítulo é uso das imagens para o culto dos santos. Porém, esta problemática tinha já sido considerada em Niceia, em 787, onde se esclarece a utilidade do ícone no ensino e na prática da religião cristã. É também neste sentido que o Concílio de Trento vai deliberar a 3 de dezembro de 1563, determinando a legitimidade do uso das imagens de santos e a veneração das suas relíquias (pontos 984 a 987), aliás chega mesmo a promover o seu uso nos seus diferentes modos, com quadros, pinturas e outras figuras. Com efeito, a imagem tornava-se extremamente importante na prática religiosa do catolicismo, principalmente porque é acessível e pouco aborrecida, ao contrário das Escrituras

¹⁶ Wikipédia.Org/wiki_concilio de Niceia.

que continuavam a ser um código incompreensível e fechado para a esmagadora maioria dos fiéis”.¹⁷

Esta deliberação (em 1545-1563) é de extrema importância para o nosso estudo, como veremos mais tarde, pela legitimação do uso das imagens de Santos, já que Santo Estevão está profundamente ligado à festa dos Rapazes.

8 - O quotidiano da Idade Média:

Calendário.

“É importante referir que a contagem dos dias e dos meses nem sempre foi efectuada da mesma maneira até meados do século XIII (1250). Se os meses eram os mesmos, já os dias se indicavam de forma diferente. Usava-se o sistema romano das calendas, nonas e idos, com contagem para trás; 4 das calendas de janeiro correspondia a 29 de dezembro (visto que o 1º dia das calendas correspondia ao 1º dia de cada mês).¹⁸

Rir e Folgar.

“O riso estoirava na taberna, na rua e no mercado. A Igreja franzia o olho, não lhe era difícil perceber, por detrás dessa jovialidade, as tentações da maledicência e da inveja, a origem da desordem. E interrogava-se com sisudez sobre um insolúvel enigma: “Jesus riu?”.

A alegria, principalmente a alegria colectiva, exteriorizava-se nos excessos festivos. Os séculos medievais mostraram grande apreço pelas festas – que continuam hoje a interessar os municípios desejosos de obter pequenos rendimentos ainda que na ausência de autenticidade histórica.

As oportunidades eram imensas; estas festas eram rituais distribuídos no decurso do ano, de origem pagã se bem que trasvestidas pelo cristianismo; O Natal a Epifania a Candelária o Entrudo, a Páscoa, o Pentecostes, as Rogações, a Ascensão o S. João etc., todas elas ou pouco menos, eram de origem profana e com conotações sexuais ou ctónicas. Todas elas eram acompanhadas por ritos alimentares, o porco, o folgar, o anho – ou por outras actividades de interesse rústico.

Essa dimensão pagã fora muito bem compreendida, captada e assimilada pela Igreja, que, depois de ter barafustado entre os séculos V e IX contra esses simulacros do Levante e extremos Ocidental.

Acabou por admitir que as invocações à Lua e as aspersões de água benta nos campos secos podiam ser recuperados para maior glória de Deus.

Em contrapartida, falhou perante as festas de subversão, por essência contrária à ordem: a “festa dos Loucos” a 1 de janeiro, na qual tudo era posto de pernas, para o ar; o Carnaval,

¹⁷ LEAL, Lécio. *Enfim Barroca? A talha na Igreja de S. Martinho de Lagoa (1681-1724; Cadernos Terras Quentes nº 3 de 2005, pág. 113.*

¹⁸ MARQUES, A.H. de Oliveira. *A sociedade medieval Portuguesa, aspectos da vida quotidiana. A esfera dos livros, Lisboa, 2010, pág.26.*

no Domingo Gordo, protesto satânico contra a Quaresma de privações que se avizinhava.”¹⁹

9 - A Máscara:

“O simbolismo da máscara varia segundo os costumes. A máscara exterioriza, por vezes, tendências demoníacas, mais o caso das máscaras carnavalescas, onde o aspecto inferior, satânico é exclusivamente manifestado com vista à sua expulsão; ele é libertador. Opera como uma catarse. Nos ritos de iniciação, a máscara toma um sentido um pouco diferente. O iniciador mascarado encarna o génio que instrui os homens; as danças mascaradas insuflam no adolescente essa persuasão de que ele morre na sua condição anterior para nascer na sua condição adulta.”²⁰

Belarmino Afonso (Coord), profundo conhecedor das realidades culturais da região de Bragança, apresenta-nos um estudo profundo sobre a máscara. Vamos transcrever parcialmente, pelo seu interesse, para esta reflexão ora efectuada.

A Máscara – A existência deste elemento cultural é comum a todos os continentes. Mas, uma vez que as realidades sociais, económicas, religiosas e culturais são diferentes em cada um deles, não admira que a máscara apresente também tipos e formas diferentes.

Não encontramos nos especialistas uma explicação da máscara. Há hipótese que podem ser verdades parciais. Os costumes dos povos participam da complexidade de todos os factos humanos. A máscara é um sinal e o significado do cerimonial, religioso ou profano, escapa ao investigador mais atento. Além da mensagem individual, o homem ou o grupo transmite também mensagens colectivas, sem se dar conta, contudo das motivações profundas que estão na sua origem.

Para Belarmino Afonso a finalidade da máscara tem um tríplice fim: propiciatório, apotrópaico e profilático.

A máscara acompanhou um comportamento humano que se caracteriza pelo Peditório, Censura e oferta. Quase nunca estas funções existem individualmente, mas coexistem. O mascarado pede para si ou para o Menino Jesus. Muitas vezes o peditório é pretexto para certos abusos satíricos ou licenciosos.

Segundo Benjamim Pereira, no seu livro *Máscaras Portuguesas*, estas aparecem em terras do Nordeste, por ocasião das seguintes festas: Festas dos rapazes ou de Santo Estevão – festas do Natal, Ano Novo, Reis e Carnaval”²¹.

A chocalhada que o Careto agitava com frenesim, em saltos mirabolantes, serviria noutros tempos para espantar os espíritos maléficos. Não se fala ainda em “espantar o ano velho” e “espantar o entrudo”.

“Os etnólogos dizem que a festa dos rapazes, preparada por eles, tem como finalidade significar a passagem ao estado adulto. Tal rito, muito comum em povos africanos, é nas

¹⁹ FOSSIER, Robert. *Gente na Idade Média*. Editorial Teorema SA, Lisboa, 2010, pág. 30

²⁰ CHEVALIER, Jean e Gheerbrant. *Dicionário dos Símbolos*, Teorema, Lisboa, 1994, pág 441

²¹ AFONSO, Belarmino (Coord). *Brigantia, Vol. 1 N.º 0 Jan-Mar de 1981, Máscaras e trajes Carnavalescos* – Assembleia Distrital de Bragança, Bragança, 1981. Pág. 18

nossas regiões, acompanhado de refeições abundantes, quase rituais, lutas, declamações de loas, autos ou comédias. O enversador arranjava quadras suficientes para que os caretos fossem cabriolando pela aldeia fora, ou mesmo no adro da Igreja, enquanto o gaiteiro e o bombo rufavam modinhas de pouca variedade melódica.

O vinho não falta nestas patuscadas populares. Quando nas Arcas (Macedo de Cavaleiros) há mais de 30 anos se celebravam as festas de Santo Estevão, os rapazes pediam vinho no dia 25 de dezembro, à noite pelas casas. Era depois fervido e adoçado com mel. No resto da noite e dia 26, seis caretos (jovens) percorriam as casas e distribuía esse vinho doce.”²²

“Percorremos bastantes aldeias à procura de máscaras. A mesma queixa triste de velhos desdentados ou mulheres vestidas de preto – “isso era dantes”; agora já não se faz nada. Já não há rapazes.

Os caretos do Carnaval ou Santo Estevão, morreram nas Arcas, em Ferreira, Mós, Rebordãos, Murçós, Valverde, Meirinhos, Bruço, Fornos etc., “Já não há rapazes emigraram”.²³

10 - A Dança:

Na época paleolítica o homem é um predador. Sua sobrevivência humana está ligada aos animais – carne e gordura para alimentação, peles para as vestimentas, ossos e chifres para os instrumentos. Dessa forma, as danças só poderiam estar ligadas aos animais. Algumas evidências levam a supor que na pré-história os homens cultuavam os animais. Não se pode excluir também, a existência de uma dança religiosa, porém nenhum documento atesta expressamente o facto”. (BOURCIER, 2006, s.n.) No decorrer dos séculos a dança vem acompanhando o desenvolvimento do pensamento humano e sendo reflexo de filosofias vigentes e da sociedade em que estava inserida. “A dança é algo que vem quebrando paradigmas ao longo dos séculos, principalmente dentro de instituições religiosas. Barreiras geralmente vindas de *doutrinas* impostas pelas igrejas e até mesmo criadas pelo homem tem ficado para trás. Na ascensão do cristianismo na cultura ocidental, o corpo foi considerado e visto como lugar do pecado, merecendo, portando, o repúdio. Entre os anos 465 e 1453 da era cristã, o ato da dança era considerada pecado gravíssimo perante a igreja. Considerado como profano e lugar do pecado, o corpo passa a ser lugar de estudo e forma de cultuar ao Deus em diversas faces da cultura e da religião”.²⁴

11- Os Constrangimentos da Igreja no respeitante às festas Populares/Pagãs

Relativamente aos festejos regionalistas de carácter etnográfico encontramos nas disposições canónicas e Pastorais dos Bispos de Bragança e Miranda as seguintes disposições: 18 de Dezembro de 1755 o visitador ordinário neste bispado de Bragança-Miranda o doutor António Esteves Pinheiro de Figueiredo, desembargador da mesa do despacho episcopal, determina (entre outras coisas): Proíbe bailes, jogos, pandorocadas e toda a casta de ajuntamentos de homens com mulheres e as pandorocadas que de noite se costumam fazer.

²² AFONSO, Belarmino (Coord). *Brigantia*, Vol. 1 Nº 0 Jan-Mar de 1981, *Máscaras e trajos Carnavalescos* – Assembleia Distrital de Bragança, Bragança, 1981. Pág. 22 e 23.

²³ AFONSO, Belarmino (Coord). *Brigantia*, Vol. 1 Nº 0 Jan-Mar de 1981, *Máscaras e trajos Carnavalescos* – Assembleia Distrital de Bragança, Bragança, 1981. Pág. 22 e 23.

²⁴ http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Dança_e_Religião

“Também nos veio a notícia que em alguns lugares deste nosso bispado se tem introduzido muitos abusos perniciosas, a saber: pelos dias das oitavas do nascimento do Senhor se fazem hum modo de festas a que chamam pandorcas, fazendo danças e festejos por muitos dias com muitas ofensas a Deus, comendo e bebendo demasiadamente descompondo muitas pessoas de que resultam graves pendencias e outros pecados originaes de galhofas entre mancebos e moças. (Nota: Pastoral de 4 de novembro de 1687 do bispo de Miranda, D. António de Santa Maria E por isso proíbe tais festejos. Igual proibição impos o Bispo de Miranda D. Diogo Marques Morato, na sua pastoral de 5 de junho de 1744.

O sucessor deste Bispo, D. Frei João da Cruz, proibiu em 1755 as pandorocadas que de noite se costumavam fazer e outro sim os fiadouros públicos que se fazem de noite, assim nas ruas como nas casas, por serem ajuntamentos de homens e mulheres, bem como as chamadas festas de Santo Estevão (26 de Dezembro), por se comporem de pandorcas, danças, algazarras e tumultos, ocasionados pela eleição de um rei e outras mais dignidades que nelas elegem, por cuja ocasião tem havido mortes e pendências, pelos excessos de comes e bebes que nos ditos dias se fazem.

Na pastoral de 20 de Dezembro de 1890 proibiu o bispo de Bragança D. José Alves de Mariz, as pastoradas ou ramos de Natal, os autos da Paixão e Morte do Redentor na Semana Santa, e vendo que o costume continuava, na de 16 de Dezembro de 1895 cominou pena de interdito às Igrejas onde tais pastoradas e autos se representassem e de suspensão “Ipso facto” aos párocos que as consentissem. (Nota: Ibidem pág. 234. Nesta nossa aldeia de Baçal, o último acto da Paixão que se representou foi pelos anos de 1860 (ver tomo V pág. LVII, destas memórias) e a última pastorada do Natal foi pelos anos de 1875. Esta condenação foi o golpe de misericórdia dado em tais festejos.

12- Do nascimento de Jesus Cristo à quarta-feira de cinzas. A figura de Santo Estevão.

Socorremo-nos da Wikipédia e do Dicionário dos Santos para obtermos informação sobre o Santo Estevão (protomártir), e nem sempre foi coincidente.

Ambos desconhecem a data do seu nascimento, mas coincidem que terá nascido na Palestina, quanto à data da sua morte, a Wikipédia, coloca-a entre o ano 33 e o ano 40 d.C. e o Dicionário dos Santos não tem dúvidas que terá morrido lapidado, por volta do ano 35 em Jerusalém (dois anos após a morte de Cristo). Seguindo a sua informação, “Saulo, que seria futuramente, S. Paulo, terá tido alguma responsabilidade na sua morte, mas ainda não se tinha convertido. Santo Estevão foi ordenado diácono pelos doze apóstolos de Cristo. É padroeiro dos cavalos e, por extensão, dos cocheiros e dos palafreiros. E também dos fundibulários, alusão ao seu martírio. É representado vestido de diácono com estola, e tem como atributo as pedras do seu suplício. Outros atributos são a palma do martírio e o livro dos evangelhos”.²⁵

A Wikipédia, se bem com informação menos segura, é mais profícua. Diz-nos:

Santo Estevão é o primeiro mártir do cristianismo, sendo considerado santo por algumas das denominações cristãs (católica, ortodoxa e a anglicana). É celebrado em 26 de dezembro no Ocidente e em 27 de dezembro no Oriente por tais denominações. Ele também está listado entre os Setenta Discípulos.

²⁵ TAVARES, Jorge Campos, *Dicionário dos Santos*, 3ª edição, Lelo Editores, julho de 2004, Lisboa,

“O seu nome vem do grego Στέφανος (Stéphanos), o qual se traduz para aramaico como Kelil, significando coroa – e Santo Estêvão é, de resto, representado com a coroa de martírio da cristandade, recordando assim o facto de se tratar do primeiro cristão a morrer pela sua fé – o protomártir.

“A história de Estêvão aparece em Atos 6 e Atos 7, livros do Novo Testamento da Bíblia cristã. Consta que houve resmungos da parte dos "judeus que falavam grego" ("hellēnistōn") contra os "judeus que falavam hebraico" ("hebraious") porque suas viúvas estavam sendo preteridas na distribuição (diakoniāi) diária de alimentos (Atos 6:1). Os apóstolos convocaram então os discípulos e propuseram que fosse formada uma comissão de "sete homens acreditados (martyroumenous), cheios de espírito e de sabedoria" (Atos 6:3), que se incumbiriam da distribuição. Estêvão, "homem cheio de fé e Espírito Santo" (Atos 6:5), estava entre esses, todos usando nomes gregos, que foram postos diante dos apóstolos e, após terem orado, receberam a imposição das mãos.

O nome grego de Estêvão parece indicar que fosse judeu "helenizado". Entretanto, outros pesquisadores afirmam que esse foi apenas seu nome cristão, escolhido por ele mesmo após ter seu primeiro contato com Simão Pedro em Jerusalém. Por 'homem acreditado' entende-se que a comunidade cristã ("toda a multidão") dava bom testemunho (martyria) dele. O serviço do alimento parecia não obstar ao "serviço da palavra" (diakoniāi tōū logou), uma vez que diversos homens afluíam a Estêvão para discutir com ele, mas não podiam fazer frente "à sabedoria e ao espírito com que falava" (Atos 6:9-10). Também contribuiu para sua fama o fato de ele, "cheio de graça e de poder", realizar "grandes portentos e sinais entre o povo" (Atos 6:8).

Segundo os Actos dos Apóstolos, Estêvão foi um dos sete primeiros diáconos da igreja nascente, logo após a morte e Ressurreição de Jesus, pregando os ensinamentos de Cristo e convertendo tanto judeus como gentios. Segundo Étienne Trocmé, Estêvão pertencia a um grupo de cristãos que pregavam uma mensagem mais radical, um grupo que ficou conhecido como os helenistas, já que os seus membros tinham nomes gregos e eram educados na cultura grega e que separou do grupo dos doze apóstolos. Também eram conhecidos como o "grupo dos sete". Foi detido pelas autoridades judaicas, levado diante do Sinédrio (a suprema assembleia de Jerusalém), onde foi condenado por blasfêmia, sendo sentenciado a ser apedrejado (Atos 8). Entre os presentes na execução, estaria Saulo, o futuro São Paulo, ainda durante os seus dias de perseguidor de cristãos.

Muitos padres da Igreja, como Santo Agostinho, atribuem a conversão de Saulo às orações de Santo Estêvão. Citando Agostinho: Si Stephanus non orasset, ecclesia Paulum non haberet.

Durante os primeiros séculos do cristianismo, o túmulo de Estêvão achou-se perdido, até que em 415 (talvez pela crescente pressão dos peregrinos que se deslocavam à Terra Santa), um certo padre, de nome Luciano, terá dito ter tido uma revelação onírica de onde se encontrava a tumba do mártir, algures na povoação de Caphar Gamala, a alguns quilómetros a norte de Jerusalém.

Gregório de Tours afirmou mais tarde que foi por intercessão de Santo Estêvão, que um oratório cristão a ele dedicado, na cidade de Metz, onde se guardavam relíquias do santo, foi o único local da cidade que escapou ao incêndio que os hunos lhe deitaram, no dia de Páscoa de 451.

O culto de Santo Estêvão encontra-se associado à festa dos rapazes nas aldeias de Trás-os-Montes, integradas no ciclo de festividades do solstício do inverno, no período que decorre do dia 24 de dezembro ao dia 6 de janeiro, e que no passado pagão terão sido dedicadas ao culto do Sol, num ritual em que intervêm os caretos, as máscaras tradicionais do extremo nordeste de Portugal.

Santo Estêvão goza de bastante popularidade em países europeus, como Espanha, França, Itália e Portugal. No Brasil, existem, além de diversas capelas ou casas de formação, outras sete paróquias, dedicadas a Santo Estêvão. Entre os espíritas, o livro Paulo e Estêvão, de psicografia de Francisco Cândido Xavier e atribuído ao espírito Emmanuel, é considerado pela Federação Espírita Brasileira um dos dez maiores livros espíritas do século XX, narrando passagens da vida de Santo Estêvão.”²⁶



Imagem de Santo Estevão – Igreja NS da Purificação – Podence.

Nota da BD da ATQ: Quase dois terços das freguesias do Concelho de Macedo de Cavaleiros, tem nos seus locais de culto a imagem de Santo Estevão, são estas as freguesias; UF de Ala e Vilarinho do Monte, Amendoeira, Arcas, UF de Bornes e Burga, Carrapatas, Chacim, Cortiços, Espadanedo e Murçós, Ferreira, UF de Lamalonga e VN Rainha, Lamas, Macedo, UF de Podence e Santa Combinha, UF de Talhinhas e Bagueixe, Vale Benfeito, Vale Prados, Vilarinho de Agrochão, UF de Vilar do Monte e Castelãos e Vinhas. Curioso é verificar que quase 90% destas, situam-se a norte do vale do concelho de Macedo de Cavaleiros.

13 - Adagiário popular do Natal e do Entrudo no Nordeste Transmontano:

ADAGIÁRIO DO NATAL:

“Natal a assoalhar. Páscoa à roda do lar.

Natal à quarta ou a sexta-feira, guarda o arado e vende os bois

Natal à segunda-feira, lavrador larga a eira.

Natal à sexta-feira, por onde pudeses semeia; em domingo, vende bois e comora trigo.

Natal ao Lar, Pascoa a assoalhar

²⁶ Wikipédia.org/_Santo. Estêvão.

Natal ao soalhal e Páscoa à lareira fazem um ano de primeira.
Natal ao soalhal, Páscoa ao borralhal.
Natal ao sol, Páscoa ao fogo, fazem o ano formoso.
Natal em casa, Páscoa na praça; Natal na praça, Páscoa em casa.
Natal molhado, ano melhorado.
Natal em casa, Páscoa na rua.
Natal na praça, O Entrudo bolorento e a Páscoa com bom tempo.
Natal na praça, Páscoa em casa; Espírito Santo em campo faz ano franco.
Ande o frio por onde andar, o Menino Jesus o irá buscar.
Ande o frio por onde andar, pelo Natal cá vem parar.
Assim como vires o tempo de Santa Luzia ao Natal, assim estará o ano, mês a mês. Até final
Até ao Natal estruma e fia; e do Natal em diante, fia sempre.
Até ao fim do Natal, crescem os dias um saltinho de pardal.
Cada porco tem o seu Natal.
Chuva em novembro, Natal em dezembro
Conceição molhada, Natal seco.
De Santa Catarina ao Natal é bom chover e melhor nevar.
De Santa Catarina ao Natal, inverno natural.
De Santos ao Santo André, um mês é; de Santo André ao Natal, três semanas.
De todos os Santos ao Natal perde a padeira o cabedal.
Do Natal à Santa Luzia, cresce um palmo o dia.
Do Natal ao Entrudo come-se tudo.
Do Natal ao S. João seis meses são.
Do dia de Santa Catarina ao Natal mês igual.
Do S. Martinho ao Natal, o médico e o boticário enchem o bornal.
Dos Santos a Santo André um mês é; de Santo André ao Natal é outro tal; mas quem bem contar só 25 dias há-de achar.
Dos Santos ao Natal, inverno crucial
Dos Santos ao Natal, cada dia mais mal; do Natal ao Entrudo, come-se capital e tudo
Entre o menino e Tomé, três dias é.
Entrudo borralheiro (borralhudo), Natal em casa, Páscoa na praça.
Festa do Natal no lar, da Páscoa na praça, e do Espírito Santo no campo.
Galinhas de S. João, pelo natal, poedeira são.
Inverno geral, um mês antes do Natal.
Mal vai Portugal, se não houver três cheias antes do Natal.
Na mesa de Natal, o pão é o principal.
Namoro de Carnaval, não chega ao Natal.
Não há ano a que falte o seu Natal.
No dia de Natal, têm os dias um salto de pardal; em janeiro, salto de carneiro; no Entrudo, salto de burro.
O Natal ao soalhar, e a Páscoa ao lar.
O Natal nunca deu erva que em janeiro não comesse.
O ano vai mal se não há três cheias antes do Natal.
Para o ano não ir mal, hão-de os rios encher, entre S. Mateus e o Natal.
Para o ano ser bom. Natal na rua e a Páscoa em casa.
Pelo Natal Lua cheia, casa cheia.
Pelo Natal, ande o frio por onde andar, ou bem chover ou bem nevar.

Pelo Natal, alhal.
Pelo Natal, ao fogo, Pela Páscoa, ao jogo.
Pelo Natal, ao jogo, pela Páscoa ao fogo.
Pelo Natal cabritos no curral.
Pelo Natal, neve no monte, água na ponte.
Pelo Natal, sachar o faval (nabal).
Pelo Natal, se houver luar, sente-se ao lar, se houver escuro, semeia outeiros e tudo.
Pelo Natal, semeia o teu alhal; e se quiseres cabeçudo, semeia-o pelo Entrudo.
Pelo Natal, sol: pela Páscoa, carvão.
Pelo Natal, tem o dia um salto de pardal.
Pelo Natal, tenha o alho ponta (bico) de pardal.
Pelo Natal, vai ao laranjal.
Pelo Natal, vai ter o seu faval.
Pelo S. Martinho, diz ao porco que tempo é; se ele te disser qual – que tal, guarda-o até ao Natal.
Quando o Natal tem o seu pinhão, a Páscoa tem o seu tição.
Quando pelo Natal vires verdejar, pela Páscoa à pedra do lar.
Quem a apanha antes do Natal, deixa a azeitona no olival.
Quem come carne no Natal, ou é burro ou animal.
Quem come laranja antes do Natal, está livre do catarral.
Quem morre em véspera de Natal é Perú.
Quem não fia até ao Natal, fiará depois pouco e mal.
Quem quer bom ervilhal semeia antes do Natal.
Quem vareja antes do Natal, deixa azeite no olival.
Se a Páscoa é assoalhar, é o Natal atrás do lar; se a Páscoa é atrás do lar é o Natal a assoalhar.
Setembro, revolver, outubro semear; em dezembro nasce o menino para nos salvar.
Sol no Natal, chuva na Páscoa.
Trovão de Natal não é inverno.

ADAGIÁRIO DO ENTRUDO

Entrudo borralheiro, o Natal em casa, a Páscoa na praça
Alegrias Entrudo, que amanhã será cinzas
Do Natal ao Entrudo come-se tudo
Dos Santos ao Natal, cada dia mais mal; do Natal ao Entrudo, come-se capital e tudo
Em dia de Entrudo, até o gato é farto
Fartar gatos, que é dia de Entrudo
Natal na praça, o Entrudo bolorento e a Páscoa com bom tempo
Natal, têm os dias um salto de pardal; em janeiro, saldo de carneiro; no Entrudo, saldo de burro.
Nem Entrudo sem lua nova, nem Páscoa sem lua cheia
No Entrudo vale tudo
O Entrudo papa (rapa) tudo.
Pelo Entrudo pode-se tudo
Pelo Entrudo, cabritos e tudo
Pelo Entrudo, cartaxo penudo
Pelo Natal, semeia o teu alhal; e se o quiseres cabeçudo, semeia-o pelo Entrudo.
Quem quiser o alho cabeçudo, sache-o pelo Entrudo.

*Quem quiser o alho cachapernudo, plante-o no Entrudo
Um bom alhal planta-o no mês de Natal, se o quiseres cabeçudo, planta-o no Entrudo
Quer no começo, quer no fundo, em fevereiro vem o Entrudo
Vão-se as noites de Natal, vão-se as noites de fiar; vão-se as noites de Entrudo, vai-se tudo”.*²⁷

14 – As festas populares no espaço geográfico do Concelho de Bragança, mormente, anterior a 31 de dezembro de 1853.

Os festejos religiosos envolvidos por elementos folclóricos são:

Natal e Reis – Desde 13 de Dezembro a 20 de janeiro

Entrudo – Quarta-feira de cinzas; quarta-feira da terceira semana de Quaresma: Semana Santa e Páscoa da Ressurreição;

Dia 1º de Abril

Dia 1º de Maio

São João -Desde 13 a 29 de junho e 2 e 11 de novembro.

“Em algumas terras bragançanas, começam as festas no dia 13 de Dezembro, com bailados, gaiteiros e tamboril, tudo acompanhado de constantes libações vináceas. Na noite da consoada (24 de Dezembro) esfuzia o entusiasmo por toda a parte; ceia abundantíssima e lareira bem fornida de lume, de que se guarda o melhor tição para acender pelo ano adiante, quando surjam trovoadas, pois tem virtude de as afugentar e evitar que façam danos aos frutos. Vai-se depois à missa do galo e beija-se o Deus-menino (ao som da gaita de foles e respectiva letra representando Nossa Senhora, São José, pastores e respectivos rebanhos. Reis Magos e equipagem, além da clássica vaca e mula.

Em Castrelo, concelho de Bragança, não há festa dos rapazes, como as adiante mencionadas, mas no entrudo sobem os moços a um cabeço a casar os indivíduos da povoação, dizendo dichotes em verso e causticando ligações amorosas menos morais. (Nota: Adiante, no artigo casamento, voltamos ao assunto.)

Também na mesma povoação e na próxima de Portela, na última noite do ano, os homens entram pelas casas adentro dos vizinhos, arrombando portas e janelas, se for preciso, para dar três nalgadas com a mão ou chinela nas nalgas das mulheres, mesmo que estejam deitadas na cama, a fim de andarem espertas durante o ano, dizem eles.

A gente que habita Trás-os-Montes é, pela maior parte, robusta e corpulenta, as pessoas nobres são dotadas de grande primor e brio, mui valentes e honradas; aptas para a guerra e têm grande exercício de ginete e brida, em que fazem sumptuosas festas. São mui devotas de igreja e veneram com devoção os seus ministros, conservam as amizades e com os estranhos são atenciosos.

As mulheres nobres têm grande recolhimento; as outras ajudam a cultivar as terras a seus maridos e às vezes mais trabalham elas que eles; enfim, diz abade João Salgado de Araújo

²⁷ *Brigantia*, Volume de homenagem a Belarmino Afonso, Volume XXVI, nºs 1,2,3,4, Bragança, 2006.

que não se sabe desta província vício algum nativo dela. Servem de epítome das suas grandezas, estas oitavas”^{.28}

*Es Tras los Montes la porcion segunda
De heroicas poblaciones adornada,
Donde Miranda episcopal se funda
Sobre Penhascos bien encastillada.
Del Rei Brigo Bragança hija segunda-feira de la Inez bela, como desdichada,
Talamo, em llano delicioso brilla
De esclarecidos duques alta silla.*

*“Entre otras vilas sale floresciente
La Torre de Moncorvo; la apacible
Vila Flor: Mirandela com gran poente;
Belica Chaves, Vila real plausible
Freixo de Espadacinta muy valiente,
Alfandega da Fé apacible
Mascarenhas en frutos delicosa
Fertil Chacim, y en su trato generosa.”²⁹*

Os Transmontanos, “são corpulentos, robustos e mui aptos para a guerra, porque são valentes e cobiçosos de honra”. O trasmontano diz Deusdado; é robusto e inteligente, habita um clima seco e rigoroso, com paisagem vasta, florestas de carvalhos e castanheiros gigantes, com largos horizontes. É agricultor.

Os moradores de Trás-os-Montes são notáveis pela sua proverbial boa-fé, simplicidade de costumes, aferro e seus antigos usos e modo de pensar. São no geral fisicamente bem-apegoados, e como tais os melhores soldados de cavalaria do exército. A extrema riqueza vinhateira, de seda, gado, linho e frutos em que abunda a sua província os compensa da sua frigidez.

“Sendo eu mesmo da província de Trás-os-Montes diz Sá, não posso dar uma ideia exata dela, porque no tempo em que com as luzes da observação podia examiná-la. Habitei fora dela. Há falta de correspondentes exactos; nem mesmo dos lavradores se podia tirar uma perfeita descrição, porque a sua ignorância e servidão lhes faz crer que semelhantes averiguações ou são para lhes impor novos tributos ou para de algum modo os vexar. E querendo saber isto dos rendeiros, a sua avareza o impede, porque supõem que isto é para lhes fazer oposição nas comendas e rendas que trazem.

Os trasmontanos têm vivacidade natural, são robustos e se exercitam na caça. O seu génio particular não é o das letras. De todas as províncias de Portugal é a que tem menos gentes na Universidade, mas isto é devido à pobreza de seus habitantes, que não podem

²⁸ ALVES, Francisco Manuel, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 243.

²⁹ CASTRO, João Batista de; Mapa de Portugal antigo e Moderno, 2ª edição, 1762, tomo I, parte I, cap. V.

suportar os gastos necessários para o caminho das letras. Os mesmos nobres não inclinam os seus filhos para os estudos, mas naturalmente os inclinam para as armas.

A gente transmontana é mui supersticiosa, apegado com excessos às opiniões de seis maiores abusadíssimos, indóceis, muito pertinazes em deixar as preocupações com que tem vivido, ainda que aliás estas os tenham miseravelmente deteriorado”.³⁰

“São muito fáceis à persuasão de coisas sobrenaturais. Creem prodígios, encantos feitiçarias, etc. Isto é universal, que apenas há terras aonde não creiam, há mouras encantadas, tesouros escondidos, que só por magia podem tirar-se, e infinitas outras fábulas assim.

O modo de vestir nas cidades e vilas consideráveis é polido e vestem à moda da corte; porém usam muito o capote; é este o maior luxo e tem-se aumentado há poucos anos.

Muita gente em Bragança se lembra de serem caríssimas as fivelas e espadins de prata, e os vestidos eram principalmente de baeta preta.

As casas são muito pobres, de todo o reino são os morgados de menos rendimento. Em bragança não há uma casa que faça de seus rendimentos quatro mil cruzados. E os que têm de fundo cinquenta mil cruzados, que são muito poucos, se reputam homens muito ricos; daqui se segue a causa de se tratarem ainda os homens nobres com muito pequena equipagem, sem librés, sem cavalos. Pode dizer-se que os militares são os que entretêm o maior luxo da província.

As mulheres escondem-se muito dos homens, principalmente em Bragança; não falam senão às pessoas muito chegadas em parentesco, de sorte que entre casas amicíssimas as senhoras não se comunicam com os homens. Não aparecem às janelas. Escondem-se muito atrás de rótulos apertadíssimos, que abrem para olhar muito pouco e com muita cautela, e se os homens, vendo-as, não se retiram, são reputadas de inonestas.

A gente do campo é muito impolida e ignorante, a maior parte não sabe ler; são muito pobres; não colhem algum pão para si, não obstante trabalharem todo o ano. Nalgumas aldeias não trazem sapatos, nem botas, usam de uma pele a que chamam “abarcas”. Isto muito principalmente se observa junto à raia de Castela, como em Montesinho, Cova da Lua, Petisqueira, Guadramil, etc., onde os lavradores são muito pobres, estúpidos e ignorantes. De noite não se alumiam com azeite, e quando necessitam de luz usam paus secos. Para as mulheres fazerem de noite serão, fazem uma finta para o azeite e se juntam só numa casa a que dão o nome de fiadeiro.

Indústria, excepto a do fabrico da seda, que é considerável, não há outra de natureza alguma, não obstante haver comodidades para isso e muita abundância de matérias e muita necessidade que há das mesmas manufaturas”.³¹

³⁰ ALVES, Francisco Manuel, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 244.

³¹ ALVES, Francisco Manuel, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 244.

“Os lavradores são extremamente ociosos; no tempo que lhes resta de trabalhar a terra não se ocupam mais que viver no descanso; Não sabem ofícios, nem pretendem aprender.

Havendo bastantes lãs na província, não há uma só fábrica de panos: vendem-na para fora, servindo-se depois dos mesmos panos, dando aos outros o ganho que eles podiam lucrar se fossem industriais.

As cidades e vilas experimentam faltas notáveis de carvão e lenha.

Não uma fábrica de louça vidrada, não obstante haver excedentes argilas e barros, que podiam facilitá-la. Não fazem mais que quartos e panelas, comprando aos castelhanos o resto da louça, deteriorando-se a si e ao reino na extração do dinheiro para fora, e o mesmo dos vidros, que também compram aos castelhanos, advertindo que em muitas partes, em que há abundância de lenha, se podiam construir excelentes fábricas de vidros como em alguns vales de Barroso, Terra de Lomba, etc.

A província é militar; a tropa gasta muito ferro; contudo não há uma só fábrica dele, havendo minas consideráveis e riquíssimas, que a natureza pôs em montes abundantíssima de lenha, como no monte de Montesinho e em outras partes, em que muitos sinais e escórias mostram o grande trabalho que os antigos tiveram neles. Deste descuido tem a província tudo a perder, porque de Espanha vem o ferro para a tropa, pregos panelas.

Havendo abundância de cascas de carvalho e sobro, não há uma só fábrica se atanados, advertindo que há muitos couros; mas todos os que se gastam e os bezerros vêm de fora da província. Sucede muitas vezes no verão, não levarem os rios bastante água para moerem as azenhas; falta o pão, de sorte que se reparte por justiça, contudo não há um só moinho de vento.

Numa palavra; faltam as artes de primeira necessidade; os homens são contumazes em se desabusarem e ainda aquela coisa que são fáceis e de muito interesse não as querem seguir, por não se apartarem do costume de seus maiores. As artes que usam estão numa suma imperfeição por falta de instrumentos e métodos. Observo na Ribeira da Nau os dois homens serrarem o pau mais grosso do Brasil. Em Trás-os-Montes, choupos, pinhos e outras madeiras deste género ocupam quatro homens, por não terem boas serras.

A terra é muito natural para a produção de batatas, delas se sustenta muita gente e o alqueire se vende ordinariamente a 60 e 80 reis e o mesmo as castanhas. Em todo o Barroso e Miranda e terras de Bragança não colhem feijão, nem fava, comem muito pão seco e em sopas. Há muitos que comem oito a dez arráteis de pão por dia”.³²

15 – A festa dos Rapazes.

“Em muitas aldeias do concelho de Bragança, como Baçal, Sacoias, Aveleda, Varge, França e outras, os moços solteiros de 16 anos para cima, juntam-se no dia de 26 de Dezembro, festas de Santo Estevão (Em Baçal a reunião é a 6 de janeiro, festa dos Reis) chamam gaitero para os acompanhar na estúrdia; comem uma vitela comprada com o

³² ALVES, Francisco Manuel, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 289.

produto de trabalhos agrícolas, geralmente malhadas (debulha de centeio); percorrem a povoação mascarados e vestidos de fatos felpudos de variegadas cores, em algazarra louca gritaria ensurdecidora, soltando estrídulos hi, gu, gus (Nota; Não há em português som igual, semelha o da palavra espanhola hijo. Possivelmente relaciona-se com o tal ulularem de Sílio Itálico, atrás citado, pois mesmo de quando em vez dizem u, lu, lu em lugar de hi, gu, gus.), durante esse dia e seguinte, inclusas as respectivas noites tendo previamente mandado celebrar missa a que assistem muito sossegados e vão botar as loas, também ditas Comédias ou Colóquios, num ponto determinado, geralmente o mais central da povoação, na presença do resto do povo, que guloso, assiste sempre a esta parte do programa”.³³

“Noutras partes há ainda vestígios destas festas. Assim, em terras do Mogadouro e Freixo de Espada-à-cinta (J.M.M. Martins, *As terras de entre Sabor e Douro*, pág 329), dia de Natal vai o mordomo do Deus-Menino tirar a esmola acompanhado do Chocalheiro homem mascarado, cujo vestido costuma ser feito de estopa grossa tinta de escuro e com um feitio muito esquisito. “A máscara ou carocha como aqui se lhe chama é feita de madeira pintada de preto e de um feitio horrendo; o homem, depois de mascarado, figura o demónio, no dizer do povo, e para completar o seu aspecto sinistro cinge à cintura um grande chocalho e anda sempre munido de uma grande moca, com a qual, a modo de graça, às vezes vai dando naqueles que dele se aproximam. E assim se passa o dia de Natal, sempre em folia, até à tarde, que é quando terminam as corridas do Chocalheiro. No dia de Reis repete-se a brincadeira do Chocalheiro (J.M.M. Martins, “*As terras de entre Sabor e Douro*”, pág 330).

O Juiz da festa, que é eleito a votos no fim do jantar do último dia da mesma para o ano seguinte, vai já nesse dia assistir às Comédias sem máscara nem vestido felpudo, mas com coroa de latão pintalgado na cabeça, empunhando comprida cana com uma maçã vermelha espetada na ponta.

O Juiz tem por obrigação tratar da compra da vitela e arranjar a casa onde ele se há-de cozinhar e comer. Em Varge é da praxe que essa casa seja desabitada, não se admitindo lá mulheres para tratar dos mantimentos cuja preparação corre por conta dos festeiros. Nas outras povoações são mulheres as cozinheiras”.³⁴

“Só quando vão assistir à missa é que deixam as máscaras e os fatos felpudos e observam na marcha certa ordem cadenciada de gaiteiro à frente, seguindo logo imediatamente o juiz com as insígnias próprias. No mais metem-se pelas casas, aterrando os rapazes pequenos, aos quais fazem mil diabruras, obrigando-os a ajoelhar a pedir-lhes perdão, a bênção e a persignar-se, espancando-os com bexigas de porco cheias de ar, que fazem grande ruído e nada magoam; pedem mui teimosamente chouriços às mulheres que muitas vezes lhos dão; vinho aos homens e, por feição ou partida, como hoje se diz, fogem das casas com mobília, que depois restituem.

Semelhantemente o Juiz nas marchas vai estendendo a cana às janelas, pedindo maçãs às raparigas que lhas espectam na ponta da cana.

³³ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág 290.

³⁴ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág 290.

De passo, arquivemos outra usança arcaica. A missa, muitas vezes é cantada e finda com a procissão em volta da igreja. Nesta procissão e nas mais que se costumam fazer nestas aldeias, o cabo de polícia leva uma vara própria do cargo, que se guarda nas sacristias e lhe é entregue ao começar da mesma, com ela em punho acompanha a procissão e ao recolher ajoelha às portas da Igreja, baixando a vara e assim se conserva enquanto entra o Sacramento ou o santo, em honra de quem a mesma se faz.

Estão-se a ver os fasces com que os lictores acompanhavam os cônsules e outros supremos magistrados romanos, abatendo-as em presença de alguém que queiram honrar. As máscaras de latão extravagantemente pintalgadas algumas, outras de casca de árvore e poucas de papelão, simulam figuras grotescas e de bois e bodes muitas vezes.

E também ponto forçado, além do fato arlequinesco, calçarem luvas, trazer na mão pau de ferrão e pendente a tiracolo chocalhos de cabras ou carneiros, campainhas de bois com as respectivas coleiras, que tudo faz barulheira infernal quando pulam ao ar para soltar os tais “Hi! Gu! Gus!” Além de vários outros artigos macabros que a mente lhes sugere. As Loas, Comédias ou Colóquios, espécie de revista do ano, constam da apreciação irónica, sarcástica e mordente muitas vezes dos acontecimentos ridículos ou como tais apreciados, feita em verso por bardo local e recitada de um tablado ou ponto elevado por um dos festeiros cercado de colegas que aplaudem cada quadra soltando estrídulos “Hi! Gu! Gus!” Por cima da chocalhada ensurdecadora e fazendo cabriolas encostadas aos paus do ferrão. Os transes do vinho para sacar a burra do lamaçal onde se lhe enterrou; a morte desta e respectivo testamento, em que se contemplam os vizinhos com deixas; as aflições da dona de casa a quem o cão ou o gato escapou com o bocado de salchicheira; aquele, porque ao matar o porco o deixou ainda vivo, fugir do banco; este, porque um cigano lhe enfiou, em troca da cavalgadura boa, chaguenta azémola, são outros tantos motes da versalhada, que bastas vezes pulsa também a nota realista, causticando as leviandades femininas em pontos de castidade”.³⁵

“A festa dos rapazes em Baçal, Sacoias, Aveleda e Varges é semelhante nas suas modalidades e exibições, deixando perceber a mesma comunidade étnica e promanação (*Dicionário Porto editora; promanar; proceder, dimanar, provir, brotar*) histórica, denunciando nas suas origens primevas carácter mais antigo e acentuadamente pagão. Nos outros povoados parecem visionar-se apenas os ápages (*Interjeição àpage fora daqui, vai-te, arreda-te, afasta; dicionário*) do primeiro século com Santo Estevão por distribuidor dos mantimentos, aqui puramente o gentilismo.

Em Deilão, no dia de Natal e de Santo Estevão (25 e 26 de dezembro) os mancebos preparam uma canastra de sardinhas ou as que sejam necessárias, organizam mesa, a que chamam de Santo Estevão, no local mais central e próprio da povoação e, congregados nela os chefes de família, dão a cada um uma cânima, (*Quantia paga pelos irmãos do Santíssimo dicionário, vítor Barros*) ou sejam nove sardinhas”.³⁶

³⁵ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág 290.

³⁶ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 292-293.

“Comem-nas em comum e depois da dançam rijamente ao ar livre, ao som da clássica gaita-de-foles. Não há máscaras nem versalhadas e cada chefe de família entra para o festim com a cota de quarenta centavos, recebida pelo mordomo eleito anualmente pelos mancebos para cuidar da festa.

No dia seguinte ao de Santo Estevão (27 de dezembro), são as Calaças de roda (Nota; vê-se que esta palavra “Calaças” tem maior amplitude do que a apontada por Viterbo no Elucidário, artigo Calaças e Morteiro. Diz o *Elucidário*: “Calaça: Parece ser a costa ou banda do porco. No foral que El-Rei D. Manuel deu à terra de Paiva em 1513, entre os muitos casais foreiros e reguengueiros está um que paga a el-rei além de outros foros dois alqueires de trigo e três de milho e calça e meia de carne. E o casal dos Moyos entre mais pensões paga a el— rei, costa e meia de carne. Dizem alguns que calça e costa são sinónimos e que a eles corresponde hoje, cobro, cujo nome se dá a qualquer das peças entre os presuntos e a cabeça do porco.”) constantes de castanhas mamotas, pão vinho deglutido em comum, sendo aquelas fornecidas gratuitamente pelo mordomo, abrindo-se seguidamente a dança. E ainda no dia seguinte, ou seja, a 28 de dezembro. Há as calaças do meirinho, que constam de uma certa quantidade de sardinhas, figos, nozes e vinho, distribuída aos circunstantes, que, depois de a tragar elegem meirinho para o ano seguinte armando seguidamente a dança à qual preside o meirinho empunhando uma bandeira própria da sua dignidade”.³⁷

“O meirinho apenas se vê eleito e antes e antes de começar a dança, deita a fugir vertiginosamente, simulando assim não aceitar o cargo; em pós ele, não menos trigoso, abalam os circunstantes que é da praxe trazerem-no às costas ou em uma espécie de liteira improvisada repentinamente do sítio onde o alcançam até ao do baile. São muitos para ver as algazaras do sítio onde o alcançam até ao do baile. São muito para ver as algazaras que acompanham esta diversão, que não é só própria deste dia mas se usa sempre também nas malhadas com o proprietário, levando-o ao sítio da meda por ocasião de se tirar para o astrar (*Estender os molhos de cereal na eira; S. Pedro das Cebolas, Bragança segundo Leite de Vasconcelos – in Dicionário dos falares de Trás-os-Montes de Vítor Fernando Barros, campo das letras, 1992 Porto*) o último molho.

Em Grijó, Failde, e Carocedo organizam a já dita mesa de Santo Estevão no dia deste Santo e dão a cada pessoa que assiste quatro sardinhas, pão e tremoços. Em Freixedelo mascaram-se, mas não há colóquios, comédias ou loas, bem como em Ousilhão, onde são de comer a quem se apresentar mascarado.

Em Alfaião nomeiam para esta festa quatro mordomos, organizam mesa de Santo Estevão e dão a cada chefe de família seis sardinhas, três vinténs de trigo e meia-canada de vinho.

Em Vila Meã, Labiados, Rio de Onor e Rabal há festas ou tradições de se celebrarem outrora pelo teor dos ágapes, (*Dicionário: refeição de carácter religioso, dos primeiros cristãos – refeição entre amigos – do grego ágape afeição*) na região ditos mesa de Santo Estevão.

³⁷ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 292-294.

Em São Julião comem chibos em comum dia de todos os Santos (1 de novembro, fornecendo os mancebos um e as raparigas outros, mas a festa propriamente dita é no dia de Reis – 6 de janeiro). O mordomo dela, congregados os chefes de família, dá uma Cànima (*Quantia paga pelos irmãos do Santíssimo dicionário vitor Barros*) ou sejam nove sardinhas a cada um, ou seja dois arráteis menos de uma onça), que é para o azeite do molho de bacalhau e comem-no em comum, se bem que alguns o levam para as suas casas, o que é menos usado, e seguidamente vão todos juntos pelas casas dos vizinhos pedir chouriços e castanhas que da mesma forma comem em comum.

A marcha do peditório é regulada pelo mordomo que aplica multas aos retardatários e aos mais lampeiros ou a quem transgredir as praxes costumadas em tais actos.

Em Parada de Infanções, no dia de Natal (25 de dezembro) os mordomos de Santo Estevão dão volta ao povo a convidar os moradores para irem à mesa da sardinha, assim chamada porque eles distribuem quatro sardinhas com pão e vinho a cada homem e duas a cada mulher”.³⁸

“Dia dos inocentes (28 de Dezembro) vestem-se de máscaras e dão a todos os vizinhos da povoação rosca e vinho (Nota: rosca - Bolo doce de farinha – A este propósito diz Emanuel Ribeiro “Na doçaria popular predomina o gosto do nosso povo, e assim, aparecem os cestos), doce assim chamado, cobertos de açúcar com flores sanguínea de papel; os corações pintalgados de missanga, etc. E em alguns podemos verificar influências ancestrais do paganismo, em que os emblemas da fecundidade e da fertilidade se patenteiam e cada passo. Assim a par dos bonecos de doce, existem os doces de romaria. Naqueles arraiais aparecem quase sempre os biscoitos da Teixeira, os doces de Paranhos, os delindres, os velhotes, as fogaças, as passarinhas (bolo de doce assim chamado que tem a forma do órgão genital feminino) os sardões (idem com forma masculina) e os cavalinhos... E. Ribeiro “doçaria portuguesa 1923, pág. 8 refere a uns bolos de forma fálica exibidos em Parada de Infanções).

Festejos por este teor se praticam em Argozelo, Carocedo, Coelhooso, Calvelhe, Outeiro, Paredes, Pinela e Vila Boa. Noutras terras o festejo transferiu-se para diferentes dias. Assim, em Aveleda, concelho de bragança, fazia-se no dia 6 de maio uma procissão a um sítio do termo chamado Cabeço, distante do povo coisa de 2 km onde levavam em andor belamente adornado a imagem de São João. Chegados lá, o mordomo distribuía pelos assistentes vinho, tremoços e pão, tudo ali comido com grande gáudio e depois do regresso à povoação a mocidade dançava animadamente. Esta festa fez-se sempre, até que no decénio 1920-20 os bispos proibiram as procissões do longo curso. Em Villar de Rei, concelho de Mogadouro, no Domingo do Espírito Santos, depois de rezada a missa pelo pároco na capela do meio do povo, o mordomo distribui pelos assistentes vinho, pão, queijo e tremoços. Noutras partes se faz mesmo por ocasião das festas de São Martinho (11 de novembro).

Em terra de Vinhais – diz o Padre Firmino – há três mordomos para tratarem das festas religiosas do Natal, que têm como características das suas funções três varas ornadas a primor com fitas e lenços de seda e que empulham nos actos solenes do culto “ À noite realiza-se a galhofa, onde se baila até ao romper da manhaninha, como eles dizem, recitando-se nos

³⁸ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 292-193.

intervalos peças satíricas em redondilha maior, a propósito de qualquer facto que mereça franca risota. A galhofa é dirigida pelos mordomos.

Em algumas povoações há mais um quarto mordomo, encarregado de tratar dos foguetes ou tiros de pólvora.

Não vai longe o tempo em que estes mordomos eram obrigados a sustentar desde o dia 13 de dezembro os ensaiantes das danças do Natal. É que estas danças são especiais; danças de carácter litúrgico, e por isso chamadas danças sagradas”.³⁹

“Em outros lugares – continua o mesmo padre Firmino – há também a bênção ao pão de Santo Estevão. Colocada uma mesa, coberta de alva toalha de linho, no largo junto da igreja, os mordomos acarretam para ali o pão e vinho em abundância que, depois da bênção dada pelo sacerdote, distribuem pelo povo.

Quando algum mordomo se recusa a exercer o cargo, flagelam-no simulando-o em mono de palha, celebrando-se os funerais com todo o requinte do cómico burlesco, sem esquecer a oração fúnebre versalhada faceta destinada a compendiar a mesquinhez da vítima, aplaudida a cada passo por retumbantes gargalhadas dos circunstantes, terminando tudo pela leitura do seu testamento, não menos impante de facécias e por lhe incinerar o cadáver.

Em Algos, concelho de Vimioso, nomeiam doze mordomos para a festa de Santo Estevão (26 de dezembro), tendo cada um o título de um personagem de relevo social – bispo, imperador, rei etc., que aparecem na festa seguidos dos respectivos secretários e ministros, tudo vestido de indumentária adequada ao cargo, com acompanhamento de moços carregados de chocalhos em barulheira ensurdecadora. Estes festejos começam no dia de Santa Luzia e no dia do santo Estevão depois de cantada a missa comem com muita galhofa os restos da esmola já dada com mais abundância, a fim de chegar para o folguedo largamente puxado a libações vinháceas.

Em Soutelo, concelho do Mogadouro o festejo popular é no terceiro domingo de janeiro, adjunto à festa do Santo Nome de Jesus. Mete também chocalhada dos moços, como el Algos; grande pagodeira de todo o povo que, solenemente vai dar o vitórró ao senhor mordomo, gritando todos entusiasmamente e chocalhando vitórró, vitórró senhor mordomo! Merece registo esta palavra, que não vemos empregada noutra parte e parece corresponder a viva, viva o nosso mordomo.

É escusado dizer que estas festas perpetuam o culto báquico e a liturgia das “bacanaís” à sombra do hagiológico cristão.

Luís Chaves (Portugal além, pag.21 – 1932) refere-se ao ciclo de festas populares de doze dias existente em França (A Van Gennep, Le cycle de douze jours dans les coutumes et croyances populaires de la Savole). Celebradas deste o dia de natal a dia de reis que entre nós não existe, mas as antigas festas da terra de Vinhais celebradas desde o dia de santa luzia (13 de Dezembro) a dia de natal e as de Algos, atrás mencionadas, que metiam doze mordomos,

³⁹ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 293.

parecem relacionar-se com o tal ciclo de doze dias, embora não coincida precisamente com o francês”.⁴⁰

“Como vemos a dança faz parte integrante destas festas, que em todas as modalidades representam, não a rudeza selvagem desta gente, mas sim o documento vivo de uma civilização prestes a extinguir-se, afirmação social de uma raça em suas manifestações étnicas. É sabido que entre os antigos iberos e povos do oriente asiático, uma das formas de culto externo era constituído pela dança, não qualquer dança, mas sim uma especial consagrada pelas fórmulas litúrgicas, que tinha passes, trejeitos, ritmos e cadências próprias – dança sagrada.

Os cantos do poeta – dizia um que o era – são mais eloquentes que as simples palavras, a música exprime mais que os poemas e a dança mais que a música; pela música, a essência dos deuses é visível e se comunica aos seres mortais, os sentimentos dos homens tomam a forma de objectos animados. “*Todo las cousicas boas, han acabadas*” – dizia-nos há anos uma velha respeitável pela dignidade dos seus sentimentos. Dantes, no meu tempo – continuo ela – havia três dias de dança seguidos, para festejarmos o nascimento de Jesus e agora apenas um bocadito.

Antes de os Bispos de Bragança proscreverem tão severamente as pastoradas da noite de Natal, havia por estas aldeias nessas festas uma dança tradicional, hoje de poucos velhos conhecida, que a ela se referem com o respeito venerável de uma coisa sagrada. Estas danças de carácter litúrgico e ao mesmo tempo marcial, desapareceram de entre nós sem que infelizmente alguém tenha fixado as suas modalidades, restando apenas na dos Paulitos, ainda hoje executada em terras Mirandesas, o fragmento de um ciclo coreográfico outrora dominante em toda a região.

É de advertir que a dança na Festa dos Rapazes nada tem de comum com a dança litúrgica, cultural, de que vamos falando; no entanto, o facto de ela contruir uma parte do programa, aliado ao de serem excluídas as mulheres na de Varge, o que seria ridículo se não tivesse por si a tradição das culturais danças ibéricas, que também as não admitiam, levar-nos a estabelecer comunidade de origem ou pelo menos certas afinidades étnicas muito para notar, podendo facilmente supor-se que a dança primitiva, devido a circunstâncias locais ou de temperamento, desapareceu, ficando apenas aquele vestígio a testificar a sua existência. De resto os costumes ancestrais ibéricos vêm-se ainda largamente representados nestas aldeias principalmente em funerais, casamentos e outros actos da vida.

Entrudo: Em geral, os festejos dos três dias de entrudo em terras bragançanas são pelo teor da festa dos rapazes, atrás descritas, e correspondem às “bacanais” de março. Celebrizam-se por grandes comezainas, mascarados e bailes. No entrudo, come-se tudo, diz o rifão popular. A Galhofa começa 15 dias antes, na quinta-feira das comadres; oito dias depois á a Quinta-feira dos compadres; seguem-se o Domingos gordo, segunda-feira gorda e terça-feira de entrudo, tudo dias perfeitamente pantagruélicos.”⁴¹

⁴⁰ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 295.

⁴¹ ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 293.

“Nos descantes, pelas ruas, silvamos tais hi! Gu! Gus! já memorados na festa dos rapazes, espécie de relincho de origem celta comum em toda a região do norte de Espanha. (Nota: D. Raimundo Rodriguez, *Guia artístico de Leon*, 1925, pág 178).

Morte: Já noutra parte destas memórias aludimos à extravagante figura da Morte, que no dia de Cinzas percorre as ruas da cidade de Bragança, vestida de casaco e calças de lona oleada, mascara na cara, carapuço na cabeça e um chicote para vergastar o rapazio que em chusma a moteja, gritando ensurdecedoramente, após ela: Ó Morte. O lagão; ão, ão. Este costume - Diz Adolfo Coelho (Nota: A Tradição 1, pág 33 e 38), relaciona-se com a liturgia mítica de expulsar o inverno representado pela morte.

Pelas circunstâncias que o acompanham e pelo tempo, sempre entre fevereiro e março, deve filiar-se nas festas Lupercais (Festas licenciosas, que eram celebradas anualmente em Roma, no dia 15 de fevereiro, em honra do deus Luperco, padroeiro dos campos e dos rebanhos.) celebradas pelos sacerdotes de Pã, a 15 de fevereiro, que despidos, tapando apenas as partes genitais com uma tira de pele caprina, recentemente imolada, e tinta de sangue, percorriam as ruas batendo com um chicote em quantos encontravam, principalmente as mulheres, que julgavam fecundar com estas pancadas. (Nieupoort, Rituum, pág 348 Moreri, El Gran Diccionario, artigo Fiestas).

Em Vinhais também pratica o costume da Morte em quarta-feira de Cinzas, mas reveste modalidade diferente, pois veste-se de Morte quem quer (Em Bragança só a Ordem Terceira de São Francisco é que tem o fato e o aluga por bom preço aos pretendentes, que nunca), resultando andarem muitos ao mesmo tempo vestidos da Morte em correrias pelas ruas, a quem chamam indistintamente Morte ou Diabo. (Nota: Padre Firmino Augusto Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, 1928, pág. 86)⁴².

SERRADELA DA VELHA:

É muito frequente a serradela da velha no meio da Quaresma, ou seja, na noite de quarta-feira da terceira semana de Quaresma. Nessa noite, os moços vão em grande estúrdia às portas das casas das mulheres velhas e, tirando sons estrídulos da lâmina da serra entalada em cortiça ou madeira seca e dura, soltando gemidos, quais se fossem a velha dorida e dizendo dichotes cantarolam:

*Estamos no meio da Quaresma,
Já a Páscoa vai chegada;
Uns dizem serre-se a velha
E outros a velha seja serrada.
Segue-se o bródio animadíssimo pelas ruas do povoado para a casa de outra velha.*⁴²

Cantar dos Reis em Macedo de Cavaleiros.

Já os três Reis são chegados

⁴² ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo IX, reedição do Museu do Abade Baçal, Bragança, 1975, pág. 301-302.

*Das partes do Oriente;
Visitar o Deus Menino
Alto Rei Omnipotente*

*Os três Reis como eram santos
Uma estrela os guiou;
Em cima de uma cabana
A estrela pousou*

*A cabana era pequena
Não cabiam os três;
Adoraram o menino
Cada um por sua vez.*

Festa dos Caretos em Podence (Macedo de Cavaleiros).

Descrição, in, *Festas e Romarias em Portugal – Norte (Trás-os-Montes e Alto Douro)*.

A Festa dos Caretos, no Domingo de Carnaval, em Podence (Macedo de Cavaleiros, é uma espécie de retoma da Festa dos Rapazes (que tem lugar por alturas do Natal), mas desta vez ligada aos rituais carnavalescos que assinalam o início dos constrangimentos da Quaresma, o fim do ciclo do Inverno e marcam o renascimento que a aproximação da Primavera representa para quem tira da terra o seu sustento.



Festas e Romarias em Portugal – Norte (Trás-os-Montes e Alto Douro)

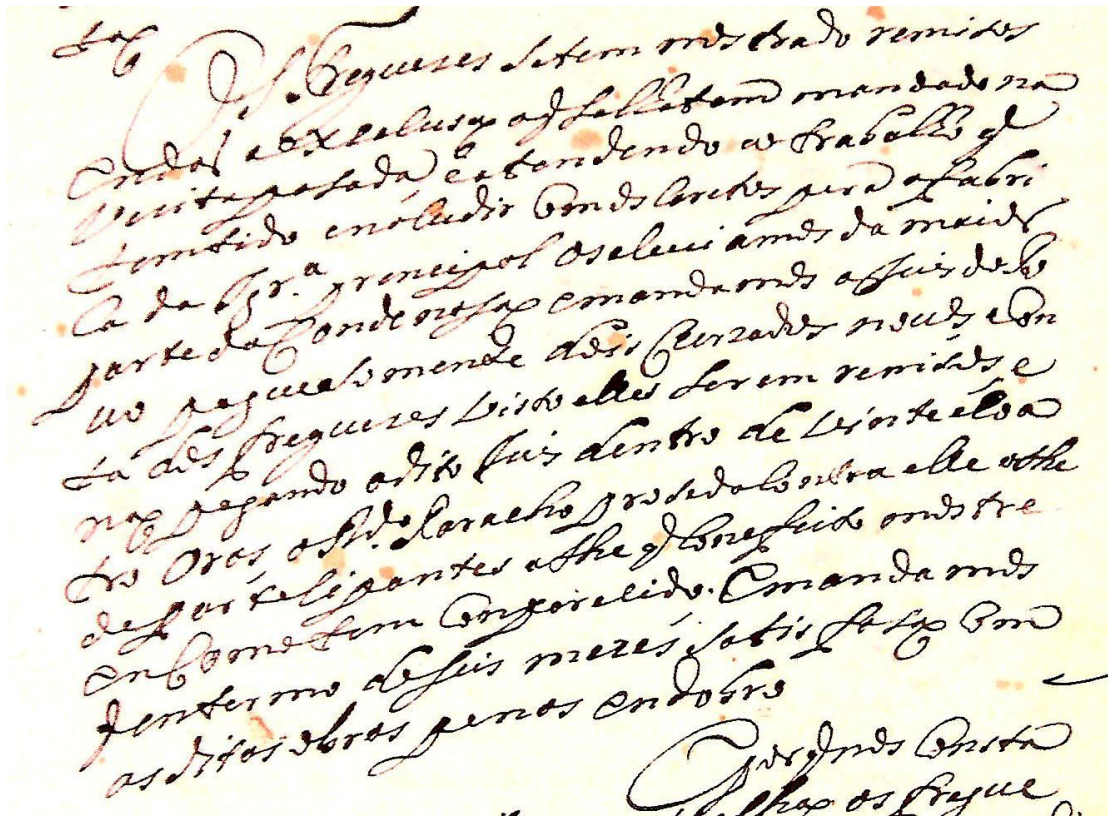
16 – Documento onde se fala dos Caretos, em aldeia, hoje pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros.

Retirado do Livro de Visitação do ano de 1717 da Igreja de São Martinho de Toures de Lagoa – inventariante Ricardo Naito, investigador da Associação Terras Quentes em 15 agosto de 2007.

Página 14 – 2º parágrafo datado de 23 de novembro de 1717.

Diz: “*Os fregueses se tem mostrado remissos (negligentes, indolentes, frouxos) em dar execução ao que se tem mandado na visita passada e atendendo ao trabalho que tem tido em aludir com os **Caretos** para a fábrica da Igreja principal os aliviámos da maior parte da*

condenação e mandamos o juiz do povo pague somente dois cruzados novos da conta dos fregueses, livre eles serem remidos nos pagando os ditos reis dentro de vinte dias ao Sr. Padre Carvalho: assina José Jesus Costa”.



Handwritten manuscript page in cursive script, likely a church record or legal document from 1717. The text is written in dark ink on aged, yellowish paper. It begins with a large initial 'C' and contains several lines of text, including the name 'José Jesus Costa' at the bottom right. The script is dense and characteristic of the 18th century.

Página 14 do Livro de Visitação do ano de 1717 da Igreja de São Martinho de Toures de Lagoa

17 – Conclusões:

A Associação “Terras Quentes, criada no ano de 2002, está sediada em Macedo de Cavaleiros e tem por objectivo, nos seus estatutos, tratar fundamentalmente de assuntos relacionados com o património do concelho de Macedo de Cavaleiros, por isso, não quisemos deixar de sublinhar o facto dos Caretos de Podence, no passado dia 12 de Dezembro de 2019, terem sido distinguidos com o galardão de património cultural imaterial da humanidade, no congresso da Unesco, realizado em Bogotá na Colômbia, o que muito saudamos.

Com a ajuda das nossas bases de dados, relativas à História, História de Arte e Arqueologia, procurámos informação que nos ajudasse a compreender as origens do fenómeno “das festas dos rapazes” no concelho de Macedo de Cavaleiros fenómeno que se estende necessariamente a toda a região Transmontana.

O estágio dos conhecimentos sobre as suas origens, pela informação que acervámos não passa de: “*Pensa-se que a tradição dos Caretos tenha raízes Celtas, de um período Pré-*

Romano. **Provavelmente** está relacionada com a existência dos povos Galaicos e Brácaros na Galiza e norte de Portugal” etc., etc.

Com este pequeno artigo vamos tentar adossar mais alguma informação ao assunto.

Como sabemos a existência do Concelho de Macedo de Cavaleiros é recente, 31 de dezembro de 1835 (184 anos). Se bem que partimos do princípio de que o fenómeno da festa dos rapazes não se circunscreve aos limites, hoje, Macedo de Cavaleiros, mas para que possamos acantonar melhor as ideias e entender melhor os fenómenos, temos que ter esse facto sempre presente.

Leite de Vasconcelos acreditava que a história se desenvolvia graças aos mitos, o que não comungamos na totalidade, se bem que em arqueologia, não descartemos um bom mito, para início de investigação, por outro lado acomodamos melhor a ideia do mesmo autor quando afirma que quando se trata de procurar a origem das coisas é sempre difícil a decisão, por outro lado, também, é pacífico aceitar que é essencial conhecer os mitos.

Quanto aos rituais, segundo Luc Benoist, e que nós partilhamos, (*define-se como um conjunto de gestos, respondendo a necessidades essenciais, que nos acompanham na nossa maneira de viver, de caminhar, de nos vestir de manifestar a nossa simpatia ou a nossa hostilidade*), o que nos ajuda, por vezes, a compreender os mitos.

É essencial compreendermos os costumes do povo da região que queremos tratar para podermos melhor entendermos os mitos e os ritos. Quando falamos em carácter etnogénicos, temos que recuar a historiografia romana e ler em Estrabão o que nos pretende dizer, com o individualismo deste povo Nordestino, quando dizia que *“nem uma só língua falam”*.

João de Barros traça estes individualismos assim: “A tendência de cada povoação para constituir uma individualidade é tão inata, que vemos ainda agora, apesar da completa diversidade de circunstância que se davam outros tempos, cada vila, cada aldeia, com a sua feição particular, os seus costumes próprios”. Oliveira Martins recua ainda mais no tempo, atribuindo estas características à combinação de carácter dos povos indo-europeus. Irão estas características e carácter etnogénico, pensamos nós, moldar o nosso povo para o que se irá seguir uns séculos mais tarde. Após o desaparecimento das divindades pagãs. O cristão não é contra o paganismo, que subjaz no passado, como a riqueza cultural de cada povo, mas sim, contra o neopaganismo que despreza todos os avanços vindo do cristianismo. Recordemos que a proibição efectiva dos cultos pagãos deu-se no ano de 392 d.C. ainda no Império Romano, sendo que no ano de 435 foram essas deliberações reforçadas com a pena de morte para quem continuasse com rituais pagãos. Lembramos que no final do século XIV, a perseguição aos “hereges” assumiu também a forma de perseguição a cultos e práticas pagãs. Por fim, ter presente que, desde os finais do século VII e até 1789 (ano da revolução Francesa)

o paganismo esteve praticamente ausente, mas exprimindo-se na pintura, ocultismo, alquimia, astrologia etc., Segundo Will Durant a Igreja cristã prevaleceu sobre o paganismo porque oferecia uma doutrina muito mais atraente e porque os líderes da Igreja se dirigiam às necessidades humanas melhor que os seus rivais.

Apesar de Jesus Cristo ter ido para a cruz, supõem-se, no ano 33, será somente no século IV (13 de junho ano 313) que pela mão do Imperador Romano Constantino I, o cristianismo começa a ver a luz do dia, terminando com a perseguição aos cristãos, com a promulgação do Édito de Milão, tornando-se o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Até então o paganismo era a religião oficial do Império Romano e dos seus exércitos.

Mas, será no ano de 325 que Constantino I convoca o Concílio de Niceia, dando-se aí o grande primeiro passo para que a Igreja defina a “doutrina revelada” de forma mais precisa, em resposta a um desafio a uma teologia herética.

Mil Duzentos e trinta e oito anos mais tarde, em 3 de dezembro de 1563, (após uma primeira tentativa, novamente em Niceia, no ano de 787), no concílio de Trento se determina (nos pontos 984 e 987 desse concílio) a legitimidade do uso das imagens de santos e a veneração das suas relíquias, com efeito, a imagem tornava-se extremamente importante na prática religiosa do catolicismo., principalmente porque é mais acessível e pouco aborrecida, ao contrário das escrituras que continuavam a ser um código incompreensível e fechado para a esmagadora maioria dos fiéis.

Esta data, 3 de dezembro de 1563, vai ser a data-chave para as nossas conclusões.

Os constrangimentos da igreja na região da Diocese-Bragança-Miranda, contra todas as expressões de paganismo eram evidentes.

Na pastoral de 4 novembro de 1687, o bispo de Miranda, D. António de Santa Maria, tendo conhecimento da introdução de muitos abusos perniciosos, pelos dias das oitavas do nascimento do Senhor, como a introdução de uma festa a que chamam pandorcas, fazendo danças e festejos por muitos dias com muitas ofensas a Deus, proíbe tais festejos. Igual proibição impôs o Bispo de Miranda D. Diogo Marques Morato na sua pastoral de 5 de junho de 1744.

Em 18 de Dezembro de 1755, o desembargador do despacho episcopal, doutor António Esteves Pinheiro de Figueiredo promulga um despacho proibindo, bailes, jogos, pandorocadas e toda a casta de ajuntamentos de homens com mulheres e as pandorocadas que de noite se costumavam fazer.

Na pastoral de 20 de dezembro de 1890, o bispo de Bragança D. José Alves de Mariz proibiu, as pastoradas ou ramos de Natal, os autos da Paixão e Morte do redentor na semana santa, e vendo que o costume continuava, na pastoral de 16 de Dezembro de 1895 cominou

pena de interdito às igrejas onde tais pastoradas e autos se representassem e de suspensão *Ipso facto* aos párocos que as consentissem.

Mas as manifestações pagãs iam resistindo, se bem que, porventura, com formas mais clandestinas, ou descaracterizadas.

O riso estoirava na taberna, na rua e no mercado. A Igreja franzia o olho, não lhe era difícil perceber, que por detrás dessa jovialidade, as tentações da maledicência e da inveja estava a desordem. E interrogava-se... “Jesus riu”.

A alegria, principalmente colectiva, exteriorizava-se nos excessos festivos. Os séculos medievais mostraram grande apreço pelas festas, mau grado o olhar condenatório da Igreja. As oportunidades eram imensas. Estas festas eram rituais distribuídos no decurso do ano, de origem pagã se bem que travestidas pelo cristianismo. O Natal a Epifania a Candelária o Entrudo, a Páscoa o Pentecostes, as rogações, a Ascensão o S. João etc. Todas elas acompanhadas por ritos alimentares, o porco, o folar o anho.

O simbolismo da máscara varia segundo os costumes. A máscara exterioriza, por vezes, tendências demoníacas, mais o caso das máscaras carnavalescas, onde o aspecto inferior, satânico é exclusivamente manifestado com vista à sua expulsão, ele é libertador, opera como uma catarse. Para Belarmino Afonso a máscara tem três fins; propiciatório, apotrópaico e profilático, acompanha um comportamento humano que se caracteriza pelo peditório, censura e oferta.

Diz-nos Belarmino Afonso:

Os caretos do Carnaval ou Santo Estevão, morreram nas Arcas, em Ferreira, Mós, Rebordãos, Murçós, Valverde, Meirinhos, Bruço, Fornos etc., “Já não há rapazes... emigraram”. Ouvi palavras semelhantes palavras ao presidente da Associação dos Caretos de Podence, António Carneiro. E aqui reside a grande dificuldade de mantermos estas tradições: Assim nos diz a demografia do concelho de Macedo, (fenómeno que é, infelizmente, transversal o todo o interior Português): Números dos Censos. No grupo etário dos rapazes entre os 15 e os 24 anos, o Concelho de Macedo de Cavaleiros no ano de 1960 tinha 4486 indivíduos, no último censo feito à população portuguesa no ano de 2011 existiam somente 1561 indivíduos em todo o concelho de Macedo de Cavaleiros neste grupo etário, ou seja, perdeu em cinco décadas dois terços dos indivíduos a quem pertence continuar estas tradições.

Pensamos que é aceite por todos, o facto da figura do Santo Estevão estar ligado umbilicalmente tanto as festas pós natalícias (26 de dezembro) como ao Carnaval. Santo Estevão nascido em Jerusalém é morto por apedrejamento dois anos depois de Jesus Cristo ser crucificado, ou seja, no ano 35. Santo Estevão é apresentado como protomártir da cristandade a sua história de vida resume-se basicamente ao seguinte: Santo Estêvão aparece em Atos 6 e

Atos 7, livros do Novo Testamento da Bíblia cristã. Consta que houve resmungos da parte dos "judeus, que falavam grego" contra os "judeus, que falavam hebraico" porque suas viúvas estavam sendo preteridas na distribuição diária de alimentos (Atos 6:1). Os apóstolos convocaram então os discípulos e propuseram que fosse formada uma comissão de "sete homens acreditados, cheios de espírito e de sabedoria" (Atos 6:3), que se incumbiriam da distribuição. Estêvão, "homem cheio de fé e Espírito Santo" (Atos 6:5), estava entre esses, todos usando nomes gregos, que foram postos diante dos apóstolos e, após terem orado, receberam a imposição das mãos. O serviço do alimento parecia não obstar ao "serviço da palavra", uma vez que diversos homens afluíam a Estêvão para discutir com ele, mas não podiam fazer frente "pela sabedoria e espírito com que falava" (Atos 6:9-10). Também contribuiu para sua fama o facto de ele, "cheio de graça e de poder", realizar "grandes milagres e sinais entre o povo" (Atos 6:8). Foi detido pelas autoridades judaicas, levado diante do Sinédrio (a suprema assembleia de Jerusalém), onde foi condenado por blasfêmia, sendo sentenciado a ser apedrejado (Atos 8).

O culto de Santo Estêvão encontra-se associado à festa dos rapazes nas aldeias de Trás-os-Montes, integradas no ciclo de festividades do solstício do inverno, no período que decorre do dia 24 de dezembro ao dia 6 de janeiro, e que no passado pagão terão sido dedicadas ao culto do Sol, num ritual em que intervêm os caretos, as máscaras tradicionais do extremo nordeste de Portugal, como atrás afirma, também, o Abade de Baçal.

A página 14, 2º parágrafo, retirada do livro de visitação à Igreja de São Martinho de Toures de Lagoa (Aldeia do Concelho de Macedo de Cavaleiros) e datada de 23 de novembro do ano de 1717, portanto fez há dias 302 anos, é um marco da existência no concelho de Macedo de Cavaleiros da existência dos Caretos, que por certo quase todas senão todas as aldeias de uma forma mais efusiva ou menos tinham os caretos para ajudar à coleta das suas esmolos.

Mas estamos convencidos que podemos recuar no tempo, pois, de certeza que no dia 22 de novembro do ano de 1717, já existiam os Caretos. Mau grado a perseguição efectuada, nos séculos anteriores, contra a sua existência pela Igreja católica. Lembremos a data de 3 de dezembro de 1563, Concílio e Trento, onde se legitimou o uso das imagens de santos. Mau grado as pastorais da Diocese de Bragança-Miranda e mais tarde da Diocese de Bragança, nos anos de 1687, 1744, 1755, 1860, 1875, 1890 e 1895, entre outras.

Cronologicamente, pensamos que os caretos resistiram a estes constrangimentos por parte das pastorais da diocese local, temos pois, uma janela de tempo, mais ou menos segura,

entre os anos de 1563, concílio de Trento e o documento da Igreja da Lagoa, manuscrito em 23 de novembro de 1717, para aceitarmos com um grande grau de certeza, para a existência e manifestação dos caretos por terras Macedenses e por certa restante região bragantina. Terminamos com o grito dos Caretos – **“Hi! Gu! Gus!”**.

Bibliografia

- Afonso**, Belarmino (Coord). *Brigantia, Vol. 1 Nº 0 Jan-Mar de 1981, Máscaras e trajos Carnavalescos* – Assembleia Distrital de Bragança, Bragança, 1981. Pág 18.
- Alves**, Francisco Manuel. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Arqueologia, Etnografia e Arte* – Tomo IX, reedição do Museu Abade Baçal, Bragança, 1975.
- Amarante**, Eduardo. *Portugal Simbólico*. Publicações Quipu, Lisboa, 1999, pág 25.
- Brigantia*, Volume de homenagem a Belarmino Afonso, Volume XXVI, nºs 1,2,3,4. Bragança, 2006.
- Brito**, Frei Bernardo de - *Monarchia Lusitana*, tomo I livro 2 cap. 31º.
- Castro**, João Batista de. *Mapa de Portugal antigo e Moderno*, 2ª edição, 1762, tomo I, parte I, cap. V.
- Chevalier**, Jean e **Gheerbrant**; *Dicionário dos Símbolo*. Teorema, Lisboa, 1994, pág 441.
- Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora, Porto, 2003.
- Estrabão** (cit. FLORES), *Espanha Sagrada*, tomo 24, pág. 11. s.l., s.d.
- Estrabão**. *Memórias da Litteratura Portuguesa* - tomo I pág 24, Estrabão cap. III. s.l, s.d.
- Fossier**, Robert. *Gente na Idade Média*. Editorial Teorema SA, Lisboa, 2010.
- Leal**, Lécio. *Enfim Barroca? A talha na Igreja de S. Martinho de Lagoa (1681-1724)* Cadernos Terras Quentes nº 3 de 2005, pág. 113.
- Marques**, A.H. de Oliveira. *A sociedade medieval Portuguesa, aspectos da vida quotidiana*. A esfera dos livros, Lisboa, 2010, pág.26.
- Pires**, Armando. *O Concelho de Macedo de Cavaleiros*. Junta Distrital de Bragança, 1963, pág. 118.
- Tavares**, Jorge Campos. *Dicionário dos Santos*, 3ª edição, Lelo Editores, julho de 2004, Lisboa.
- Vasconcelos**, J. Leite. *Religiões da Lusitânia*, Vol. II. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1989, pág. 144.
- Viterbo**, Fr. Joaquim de Santa Rosa. Livraria Civilização Editora, 1º e 2º volume, Porto, 1993
- Outros;
- Edições eletrónicas:**
- Wikipédia.Org/wiki_edito de milão.
- Wikipédia.Org/wiki_concilio de Niceia.
- http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Dança_e_Religião
- Wikipédia.org/_Santo. Estêvão.

Bases de dados da Associação Terras Quentes Outros:

Base de dados de história.

Base de dados de História de Arte.

Base de dados de Arqueologia.

Índice Geral

| | |
|---|----|
| Ficha Técnica | 2 |
| Editorial | 3 |
| Nota Prévía | 5 |
| | |
| PARTE I | |
| Do Mito à Realidade - “A História Que Não Se Contou” | 7 |
| Introdução | 7 |
| Capítulo I – “Os Conceitos” | 7 |
| Conceito de Nação | 7 |
| Exércitos: Realidade do final do século XIV | 8 |
| Exército permanente e não permanente | 8 |
| Da fome à peste: situação económica e financeira | 11 |
| A Cavalaria no final século XIV | 13 |
| Capítulo II – “Estratégia, tática e técnica” | 15 |
| Arregimentação | 15 |
| Antes da Batalha: A estratégia | 16 |
| O que nos dizem os cronistas e historiadores | 16 |
| Fernão Lopes | 16 |
| Jean Froissart | 17 |
| João Gouveia Monteiro | 18 |
| José Hermano Saraiva | 19 |
| A Tática | 20 |
| Capítulo III – “As Defesas acessórias” | 21 |
| Carta D. João | 22 |
| Carta D. Juan | 22 |
| Carta Despenseiro | 22 |
| Crónica de Ayala | 23 |
| Costa Veiga | 23 |
| Peter Russel | 25 |
| José Hermano Saraiva | 26 |
| Fernão Lopes | 27 |
| Borges Coelho | 28 |
| Conde de Vila Franca | 29 |
| Gouveia Monteiro | 29 |
| Conclusões do capítulo III | 30 |
| Capítulo IV – “A Logística” | 35 |
| A carriagem | 36 |
| Dois exércitos em movimento | 38 |
| A carriagem no campo de batalha | 40 |
| Capítulo V – Aspectos técnicos - As Armas | 42 |
| Long-bow | 42 |
| A flecha | 45 |

| | |
|-----------------------|----|
| A besta | 45 |
| Os virotes | 50 |
| A espada | 51 |
| A Maça d'armas | 58 |
| O Bacinete | 61 |
| A Lança | 63 |
| Armamento da peonagem | 64 |
| Alabarda | 64 |
| Machados | 67 |

PARTE II

| | |
|---|-----|
| Capítulo I – “A Batalha” | 70 |
| Descrição da Batalha pelos cronistas, historiadores e protagonistas | 71 |
| Carta Múrcia | 71 |
| Fernão Lopes | 71 |
| Lopes Ayala | 74 |
| Costa Veiga | 75 |
| Entwistle | 75 |
| João Gouveia Monteiro | 76 |
| Cronologia dos movimentos das hostes | 77 |
| Peter Russel | 78 |
| Jean Froissart | 78 |
| Conde de Vila Franca | 82 |
| José Hermano Saraiva | 83 |
| O Condestável | 84 |
| As Batalhas Análogas | 85 |
| A batalha de Crécy | 85 |
| A batalha de Poitiers | 86 |
| Conclusão: Como decorreu a batalha | 87 |
| A segunda investida, a castelhana | 96 |
| Como estariam dispostas as tropas | 98 |
| Esquema de Afonso do Paço | 99 |
| Esquema de Helena Catarino | 100 |
| Esquema com novas sugestões | 101 |
| Como se desenrolaram os momentos decisivos da batalha | 104 |
| A chacina | 105 |

PARTE III

| | |
|--|-----|
| Capítulo I – Martim Gonçalves de Macedo na bibliografia | 107 |
| Introdução | 107 |
| Manuscrito de Pero Vaz Soares | 108 |
| Manuscrito BN 11038 finais século XV | 109 |
| Crónica de D. João I Fernão Lopes 1643 | 110 |
| Crónica de D. João I Fernão Lopes 1644 | 111 |
| Europa Portuguesa Manuel Faria e Sousa | 112 |

| | |
|---|-----|
| Crónica de Nun'Álvares Pereira 1723 | 113 |
| Memórias para a História de Portugal - J. S. Sylva | 114 |
| Paralelos de Príncipes e Varões - F. S. Toscano | 116 |
| Flores de Espanha de António Sousa Macedo | 117 |
| Agiologio Lusitano - António Caetano Sousa | 118 |
| Crónica de D. João de Duarte Nunes Leão | 119 |
| História de Portugal Damião Lemos | 120 |
| Portugal Pitoresco | 120 |
| Jardim Literário | 121 |
| Ulyssipo 1848 | 122 |
| Crónica de D. João I por Luciano Cordeiro 1897 | 123 |
| D. João I por Damião Peres | 124 |
| Capítulo II – Sobre a sepultura de Martim Gonçalves de Macedo | 126 |
| Notas | 132 |
| Bibliografia | 153 |
| A FESTA DOS RAPAZES e outras, Transmontanas. | |
| 1 - Introdução | 160 |
| 2 - Os Ritos Mitos e Costumes – Tempo Sagrado, Tempo Profano. | 160 |
| 3 - Caracteres Etnogénicos | 161 |
| 4 - Festas pagãs ou Religiosas? A evolução histórica dos festejos populares. | 165 |
| 5 - Ano 325 - d.C. data chave do Cristianismo. | 165 |
| 6 - Édito de Milão – 1º passo de Constantino para o Cristianismo. | 166 |
| 7 - Concílio de Niceia | 166 |
| 8 - O quotidiano da Idade Média | 168 |
| 9 - A Máscara | 169 |
| 10 - A Dança | 170 |
| 11 - Os Constrangimentos da Igreja no respeitante às festas Populares/Pagãs | 170 |
| 12 - Do nascimento de Jesus Cristo à quarta-feira de cinzas. A figura de Santo Estevão. | 171 |
| 13 - Adagiário popular do Natal e do Entrudo no Nordeste Transmontano. | 173 |
| 14 - As festas populares no espaço geográfico do Concelho de Bragança, mormente, anterior a 31 de dezembro de 1853. | 176 |
| 15 - A festa dos Rapazes. | 180 |
| 16 - Documento onde se fala dos Caretos, em aldeia, hoje pertencente ao Concelho de Macedo de Cavaleiros. | 188 |
| 17 - Conclusões. | 188 |
| Bibliografia | 194 |